

COLEÇÃO DESCOBERTAS L&PM

Hernan Cortez

A CONQUISTA DO MÉXICO



972
C828cp

Capa: L&PM Editores

Revisão: Grázia Pinheiro Machado, Flávio Doti Cesa

Tradução: Jurandir Soares dos Santos

Produção: Fernanda Verissimo e Jô Saldanha

ISBN 85-254-0080-7

C828c Cortez, Hernan, 1485-1547.

A conquista do México / Hernan Cortez; tradução de

Jurandir Soares dos Santos; ilustrações de Théodore de

Bry -- Porto Alegre : L&PM, 1996.
216 p. : il. ; 21 cm. - (Coleção Descobertas L&PM)

1. México-História.-Conquista. I. Título. II. Série.

DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL

A conquista do Mexico.

972
C828cp



21000042235

© Jurandir Soares dos Santos, 1986

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores S/A

Matriz: Rua Padre Chagas, 185/802 - 90.570-080 - Porto Alegre - RS

Filial: Rua Marcelina, 672 - conj. 2 - Lapa - 05044-010 - São Paulo - SP

Impresso no Brasil

Outono de 1996

200 1825/206P.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO / 9

AS FONTES DE PESQUISA / 11

PRIMEIRA CARTA / 15

SEGUNDA CARTA / 34

TERCEIRA CARTA / 90

QUARTA CARTA / 146

QUINTA CARTA / 166

NOTAS / 211

SEGUNDA CARTA



ENVIADA A SUA SACRA MAJESTADE DO IMPERADOR NOSSO SENHOR PELO
CAPITÃO GERAL DA NOVA ESPANHA, CHAMADO DOM HERNAN CORTÉZ.

NA QUAL FAZ UM RELATO DAS TERRAS E PROVÍNCIAS SEM CONTA QUE
DESCOBRIU EM YUCATÁN DO ANO 1519 ATÉ ESTA DATA, AS QUAIS SUBMETEU
À COROA REAL DA SUA MAJESTADE. FAZ UM RELATO ESPECIAL DE UMA
GRANDÍSSIMA PROVÍNCIA, MATA RICA, CHAMADA CUIÚA, NA QUAL HÁ GRAN-
DES CIDADES DE MARAVILHOSOS EDIFÍCIOS, DE MUITAS RIQUEZAS E DE EXCE-
LENTE TRATAMENTO. A MAIS MARAVILHOSA ENTRE ESTAS É TENOCHTTLÁN,
EDIFICADA COM MARAVILHOSA ARTE SOBRE UMA LAGOA. DESTA CIDADE E
PROVÍNCIA É REI UM GRANDÍSSIMO SENHOR CHAMADO MONTEZUMA. EM SEU
RELATO, CONTA LONGAMENTE SOBRE O DITO SENHOR MONTEZUMA, DE SEUS
RITOS E CERIMÔNIAS E DE COMO O SERVEM.

Mui alto e poderoso e mui católico príncipe, invictíssi-
mo imperador e senhor nosso: Em uma nau que des-
pachei desta Nova Espanha a 16 de julho de 1519,
enviei a vossa alteza longo e particular relato do que aqui sucedeu
(13), o qual levaram Alonso Hernández Portocarrero e Francisco de
Montejo, procuradores da Vila Rica de Vera Cruz, que em nome de



Entrada de Cortez na Cidade do México.

vossa alteza fundei. E depois disto só não mandei informações por falta de navios e por estar ocupado na conquista e pacificação desta terra, porque é meu desejo que vossa alteza saiba tudo o que está ocorrendo nesta terra. E são tantas e tais as ocorrências, como no outro relato escrevi, que pode vossa alteza de novo se intitular imperador dessa terra, com um título tão meritório quando o de imperador da Alemanha, que pela graça de Deus vossa majestade possui (14). Esforcei-me para dizer a vossa majestade toda a verdade, o menos mal que possa. Todavia, suplico a vossa alteza que mande me perdoar se não contei todo o necessário ou se não acertei alguns nomes de cidades, de vilas e de seus senhores, que ofereceram seus serviços a vossa majestade, dando-se por súditos e vassallos.

No outro relato, mui excellentíssimo príncipe, falei a vossa majestade sobre as cidades e vilas até então conquistadas e que haviam se oferecido a seus reais serviços. E disse que tinha conhecimento de um grande senhor que se chamava Montezuma e que segundo os nativos morava a umas noventa ou cem léguas do porto onde desembarquei. Confiando na grandeza de Deus e com o ânimo do real nome de vossa alteza, me determinei ir onde quer que estivesse este senhor e me lembro que me dispus a fazer muito mais do que a mim era possível. Porque certifiquei a vossa alteza que o tomaria, preso ou morto, súdito da coroa de vossa majestade. E com este propósito parti da cidade de Cempoal, que eu intitulei Sevilla, a 16 de agosto, com 15 homens a cavalo e trezentos peões preparados o melhor possível para a guerra. E deixei na vila de Vera Cruz cento e cinquenta homens construindo uma fortaleza, que já está quase pronta. Esta província de Cempoal é formada de cinquenta vilas e fortalezas, tendo até cinquenta mil homens de guerra, os quais ficaram muito seguros e pacificados, como leais vassallos de vossa majestade como agora são, porque eles eram súditos daquele senhor Montezuma. E segundo fui informado, o eram pela força e de pouco tempo para cá, e como por

mim tiveram notícia de vossa alteza e de seu real e grande poder, disseram que queriam ser vassallos de vossa majestade e meus amigos, e que rogavam que os defendesse daquele grande senhor que os mantinha pela força e tirania e que tomava seus filhos para matar e sacrificar a seus ídolos.

Como já escrevi a vossa majestade no primeiro relato, alguns que passaram para minha companhia eram criados e amigos de Diego Velásquez, e lhes havia pesado o que eu fazia em nome de vossa alteza. Alguns decidiram rebelar-se e ir-se, em especial quatro espanhóis chamados Juan Escudero, Diego Cermeno, Gonzalo de Ungría e Alonso Peñate, os quais, segundo confessaram espontaneamente, tinham se determinado a tomar um bergantim, matar o mestre e ir para a Ilha Ferdinandina, a fim de comunicar a Diego Velásquez que eu enviava a nau com relato a vossa alteza. Em vista das confissões dos delinquentes, os castiguei conforme a justiça manda.

Oito ou dez dias depois de ter dado com os navios na costa e tendo saído de Vera Cruz para a cidade de Cempoal, que está a quatro léguas de distância, para dali seguir meu caminho, me comunicaram que andavam quatro navios pela costa da vila e que o capitão que eu havia lá deixado saíra em uma barca ao encontro deles, os quais o informaram que vinham a descobrir em nome de Francisco de Garay, governador da Ilha de Jamaica. O dito capitão lhes fez saber como, em nome de vossa majestade, eu havia povoado esta terra e feito uma vila ali, a uma légua de distância. E disse-lhes que podiam ir até o porto, que ele viria me comunicar de sua chegada. Em vista do que o capitão me fez saber, parti de imediato para dita vila, onde soube que os navios estavam atracados três léguas da costa e que ninguém havia saltado à terra. Quando me dirigi para onde estavam, vieram ao meu encontro três homens, um dos quais se afirmava escrivão, dizendo que os outros dois eram testemunhas da notificação que vinha me fazer. Disse que o seu capitão me fazia saber que, como ele havia

descoberto aquela terra e a queria povoar, que eu partilhasse com eles termos de posse, porque queria se estabelecer cinco léguas costa abaixo, passada Nautechal, que é uma cidade que está a doze léguas da vila que agora se chama Almería. Respondi a ele que dissesse a seu capitão para ir com seus navios ao porto de Vera Cruz, que ali faláramos e se tivesse alguma necessidade eu o socorreria com o que pudesse. E que, se ele viesse a serviço de vossa sacra majestade, que eu não desejava outra coisa que não fosse ajudar. Eles me responderam que de nenhuma maneira o seu capitão ou qualquer outra pessoa viria à terra. Acreditando que tinham alguma má intenção, já que se recusavam vir ante mim, me coloquei muito secretamente junto à costa do mar fronteiro onde estavam os navios. E assim esperei até o outro dia ao meio-dia, acreditando que o capitão ou alguma outra pessoa saltaria à terra. Como isto não ocorreu, mandei tirar as roupas daqueles que vieram com o requerimento e colocá-las em outros espanhóis de minha companhia, os quais mandei até a praia para que chamassem aos dos navios. Ao verem-nos, saiu à terra uma barca com dez homens com balistas e escopetas. Os espanhóis que estavam na praia se afastaram até umas matas como se ficassem esperando à sombra. Quando o barco se aproximou saltaram quatro homens, dois balisteiros e dois escopeteiros, os quais foram tomados pela minha gente que os cercava. Um deles era mestre de uma nau e teria matado o capitão que eu tinha em Vera Cruz se Deus Nosso Senhor não tivesse evitado que acendesse a mecha do disparo. Os que estavam na barca fugiram para os navios, que já os esperavam com as velas erguidas.

Os que ficaram comigo me informaram sobre um rio que está trinta léguas costa abaixo depois de passar por Almería, onde haviam recebido bom acolhimento dos nativos e onde viram algum ouro, embora pouco. Disseram que não haviam saltado à terra, mas que puderam ver as casas, que não eram de pedra mas de palha. Enviei àquela região um índio que viera nos navios e que também os tomei,

para que falasse ao senhor daquele rio, que se diz Panuco, para atraí-lo ao serviço de vossa majestade. Este senhor enviou-me o cacique de um povoado, o qual me deu roupas, pedras e plumagens e me disse que ele e todos de sua terra estavam muito contentes em se tornar vassalos de vossa majestade e meus amigos. Eu lhe dei algumas coissas da Espanha e ele se foi muito feliz e amigo, tanto que, quando viram outros navios de Francisco de Garay (de quem mais adiante farei relatar a vossa alteza), mandou me informar em nome de Panuco.

Depois disto, mui poderoso senhor, me dirigi por terra a Cempool, onde fui bem recebido e hospedado. E na quarta jornada entrei em uma província que se chama Sienchimalen, onde há uma vila muito fortificada e de difícil acesso, pois fica em uma serra muito íngreme e só se pode chegar lá a pé. Na planície há muitas aldeias e granjas, cada uma tendo de duzentos a quinhentos lavradores, havendo no total de cinco a seis mil homens de guerra. Tudo isto é de domínio daquele senhor Montezuma. Aqui me receberam muito bem e me deram mantimentos necessários para continuar a viagem, tendo-me dito que sabiam que eu ia ver Montezuma, seu senhor, que era muito amigo, e que lhes havia mandado dizer que me recebessem bem porque assim o estariam servindo. Eu retribuí dizendo que vossa majestade tinha notícia dele e me havia mandado vê-lo e que eu não ia fazer mais nada do que conversar com ele. E assim passamos a um desfiladeiro que está no fim desta província, ao qual pusemos o nome de Desfiladeiro do Nome de Deus, por ser o primeiro que nestas terras havíamos passado. Na baixada deste desfiladeiro, que era muito alto, havia outras granjas de uma vila e fortaleza chamada Ceyconacan, que também era domínio de Montezuma e onde também fomos bem recebidos.

Desde aqui andei três jornadas de terras despovoadas e inabitáveis, por causa de sua esterilidade e falta de água e do grande frio que ali faz. Só Deus sabe quanto trabalho, quanta sede e quanta fome ali

padecemos. Pensei que muita gente morreria de frio, mas só morram alguns índios da Ilha Fernandina que iam mal agasalhados. Ao cabo de três jornadas chegamos a um outro desfiladeiro, não só porque como o primeiro, tendo no alto do morro uma pequena torre, o nome de Ponto da Lenha. Nas proximidades deste local, entre umas serras muito íngremes, está um vale muito povoado de gente que chegou a uma parte mais plana, onde me pareceu estar o senhor da quele vale, pois ali estavam as maiores e mais bem construídas casas que por estas terras tinha visto, todas de cantaria muito bem trabalhada e muito novas, com muitos aposentos. Este vale e povoado se chama Caltanmi. Fui muito bem recebido pelo senhor e pela gente do povoado, onde recebemos aposentos. Depois de ter falado de parte de vossa majestade e ter dito porque vinha, perguntei ao senhor se era quem não era vassallo de Montezuma, dando a entender que este era o senhor do mundo. Tornei a falar do grande valor e poder de vossa majestade, dizendo que muitos outros e muito maiores senhores que Montezuma eram vassallos de vossa alteza e que assim também havia de ser com Montezuma e com todos os senhores destas terras. E que para que vossa alteza bem recebesse seus serviços, me desse algum ouro que eu enviaria a vossa majestade. Ele me respondeu que só daria com autorização de Montezuma. Para não causar-lhe problemas disse que logo Montezuma lhe mandaria dar todo o ouro que tivesse.

Aqui também me vieram ver outros senhores de povoados vizinhos, que me deram colares de ouro de pouco peso e valor e sete ou oito escravos. Deixando todos muito contentes, parti depois de estar ali por quatro ou cinco dias, indo para um outro povoado que está

duas léguas vale acima e que se chama Itzacamastitán. Os domínios deste povoado se estendem por três ou quatro léguas de casa ao lado de casa, planícies de um vale, margeando um rio. Em um monte muito alto está a casa do senhor, com uma fortaleza que se equipara às melhores da Espanha, cercada de muros, barbacã e covas. Nas cercanias há uma população de cinco ou seis mil pessoas, que habitava boas casas, parecendo ser gente mais rica que a do vale abaixo. Aqui também fui bem recebido e o senhor me disse que também era vassallo de Montezuma (15). Permaneci três dias neste lugar, para me recuperar do desgaste sofrido na travessia da região árida e para esperar quatro mensageiros, dos nativos de Cempool, que desde Caltanmi eu havia enviado a uma província grande que se chama Tascaltecal. Haviam me dito que a gente desta província era sua amiga e grande inimiga de Montezuma e queria se associar comigo. Andei mais um pouco por áreas vizinhas e já se passavam oito dias sem que os mensageiros retornassem, e como os principais de Cempool que iam comigo me asseguravam a amizade de Tascaltecal, resolvi ir até lá. Todavia, os nativos do vale onde me encontrava me rogaram que se ia ver Montezuma, seu senhor, (16) não deveria passar por terras de seus inimigos, pois estaria sujeito a maus-tratos. Eles se dispuseram a me levar pelas terras de Montezuma, onde seria sempre bem recebido. Justamente ali naquela região deparei com uma enorme cerca de pedra, que era o marco que estabelecia a divisa entre as terras de Montezuma e as de seus inimigos. Os de Cempool, no entanto, vieram a mim e disseram que olhasse como aquela gente tinha cara de má e vinha sempre nos espiar, insistindo que não deveria confiar nela, pois todos os de Montezuma eram traidores. Como os de Cempool tinham melhor conceito que os outros, segui seu conselho, e tomei o caminho de Tascaltecal, levando minha gente para o que eu achava que fosse o melhor. Para evitar surpresas, decidi ir meia légua à frente de minha gente com seis a cavalo, para ter possibilidade de consertar

algo de mal que surtisse.

Depois de ter andado quatro léguas, dois cavaleiros que iam à frente vieram me avisar que viram índios com suas plumagens de guerra. Eu me aproximei deles e tentei conversar através do intérprete, mas eles começaram a atirar lanças e a gritar por outros que iam se juntar a eles, chegando a somar quatro ou cinco mil índios. Eles lutaram conosco, matando dois cavalos, ferindo outros três e mais três pessoas. Nós matamos cinqüenta ou sessenta deles e quando chegaram os outros nossos que vinham a cavalo mais atrás eles bateram em retirada. Depois que se foram vieram certos mensageiros de outros senhores, que não dos que haviam lutado contra nós. Disseram que pagariam os cavalos mortos e que queriam ser nossos amigos e nos receber em seu povoado. Naquela noite fui forçado a dormir à margem de um arroio, uma légua adiante do local do combate, pois já era tarde e minha gente estava muito cansada da batalha. No outro dia saí com a dianteira e a retaguarda bem protegidas e logo adiante encontrei dois mensageiros que mandara ao povoado. Vinham chorando, dizendo que os haviam amarrado para matá-los e que conseguiram escapar durante a noite. Enquanto nos faziam o relato éramos atacados por grande quantidade de pedras, lançadas por também grande quantidade de índios que nos cercavam. Tentamos conversar com eles com o testemunho do escrivão, mas como não paravam de nos atacar, tratamos de nos defender como podíamos. Eram mais de cem mil índios que lutaram conosco até uma hora antes do pôr-do-sol. Com seis escopetas, quarenta balistas e uma meia dezena de outros tiros, além de treze cavalos, consegui fazer muitos danos nos sem sofrer nada além do cansaço da luta e da fome. Até parece que foi Deus que lutou por nós, tamanha era a multidão que nos cercava e sua disposição para a luta.

Aquela noite estabeleci meu forte junto a uma pequena torre de seus ídolos, no topo de um monte. No dia seguinte deixei ali duzentos

homens e toda a artilharia, saindo com a cavalaria e mais cem peões, quatrocentos índios que trouxera de Cempoal e trezentos de Iztamestiran. Antes que os nativos pudessem se juntar, queimei seis pequenos povoados e preendi e levei para o acampamento quatrocentas pessoas, entre homens e mulheres, sem que me fizessem qualquer dano. No amanhecer do outro dia nosso acampamento real estava cercado por cento e cinqüenta mil índios, que cobriam toda a terra em volta. Estavam tão determinados para a luta que chegaram a entrar dentro do acampamento e lutar com punhais contra os espanhóis. Mas quis Deus Nosso Senhor que em questão de quatro horas tivéssemos a situação dominada, tendo os índios se retirado, embora ainda realizando algumas arremetidas.

Antes do amanhecer do dia seguinte tornei a sair com cavalos, peões e índios e queimei dez povoados, onde havia mais de três mil casas. Como trazíamos a bandeira da cruz e lutávamos por nossa fé e por serviços de vossa sacra majestade, em sua real ventura nos deu Deus tanta vitória, posto que matamos muita gente sem que nenhum dos nossos sofresse dano. Pouco depois do meio-dia estávamos de volta ao nosso acampamento com a vitória obtida. No outro dia vieram mensageiros dos senhores, dizendo que eles queriam ser vassallos de vossa alteza e meus amigos e que rogavam lhes perdoasse os erros do passado. Trouxeram-me de comer e algumas coisas de plumagens que eles estimam. Eu respondi que eles haviam errado e feito o mal, mas que eu ficava contente em ser seu amigo e perdoar-lhes o que haviam feito. No outro dia vieram cerca de cinqüenta índios que traziam comida e começaram a olhar as entradas e saídas de nosso acampamento, bem como as cabanas onde dormíamos. Os de Cempoal vieram até mim e alertaram-me para olhar aqueles homens, que eram maus e vinham espionar. Dissimuladamente preendi um deles sem que os outros vissem. Com os intérpretes e amedrontando-o fiz com que dissesse a verdade. Ele confessou que Sicutengal, que é o capitão ge-

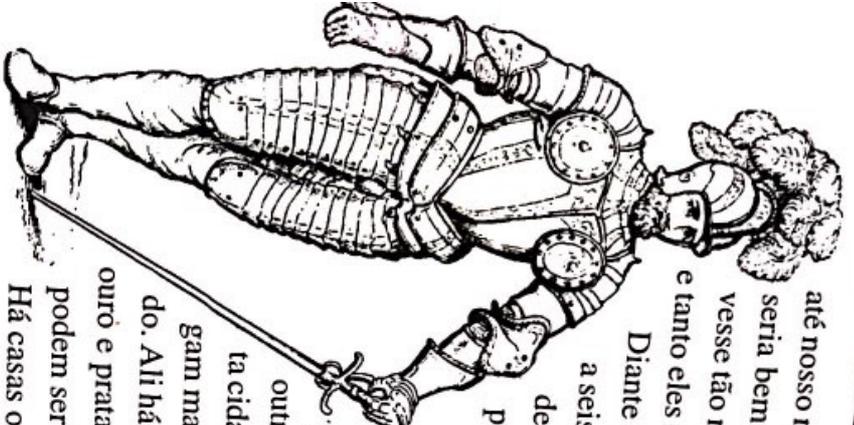
ral desta provincia, estava atrás de uns montes próximos com enorme quantidade de gente para nos atacar aquela noite e que eles haviam vindo para observar as partes de nosso acampamento por onde poderiam nos atacar. Depois tomei mais outros cinco ou seis e todos confessaram a mesma coisa. Em vista disto, mandei prender todos os cinquenta e cortar-lhes as mãos e os enviei a seu senhor para que dissessem a ele que quando ele viesse saberia quem éramos. Traiei de fortalecer o real, colocando gente nos pontos que me pareciam convenientes. Ao anoitecer eles começaram a descer das montanhas e se aproximaram, pensando que nós não os víamos. Para evitar que chegassem muito perto, podendo colocar em risco nosso acampamento, decidi sair ao seu encontro com todos os cavalos. Quando eles perceberam que íamos a cavalo bateram em retirada e nós ficamos seguros. Depois de passado isto, permanecemos alguns dias sem sair do acampamento, indo apenas até os seus arredores para afastar alguns índios que vinham gritar e fazer escaramuças.

E depois de estar algo descansado, saí uma noite, depois de renhida a guarda da *prima*, com os peões, índios e cavalos, e antes que amanhecesse dei com dois povoados onde matei muita gente, mas não prendi fogo às casas para não chamar a atenção de povoados vizinhos. Como os tomei de surpresa, saíram desarmados e as mulheres e crianças desnudas pelas ruas. Quando amanhecia, dei com um outro povoado que tinha mais de vinte mil casas. Como não tinham resistência, vieram a mim certos principais que rogaram para que não lhes fizesse mal, porque queriam ser vassallos de vossa alteza e meus amigos. E que reconheciam que tinham culpa em não ter acreditado em mim, mas que, de agora em diante, fariam tudo que eu determinasse em nome de vossa majestade. Depois me levaram a um lugar muito agradável que tinha uma fonte e me deram de comer. E assim os deixei pacificados e retornei a nosso acampamento. Isto foi motivo de muita alegria, porque não havia entre nós quem não estivesse com

muito temor, por estarmos tão dentro daquela terra, entre tanta e tão má gente, e tão sem esperança de socorro de parte alguma. Ainda mais que tínhamos algumas pessoas querendo desistir da tarefa, só não fazendo porque eu lhes disse que, como cristãos, éramos obrigados a lutar contra os inimigos de nossa fé, e além disto havíamos conseguido no outro mundo a maior glória e honra que até nossos tempos nenhuma geração conquistou.

No outro dia, pelas dez horas, veio a mim Sicutengal, o capitão-geral desta provincia, com até cinquenta assessores principais, e me rogou de sua parte e da de Magiscatzin, que é a principal pessoa de toda a provincia, que os admittisse ao real serviço de vossa alteza e que lhes perdoasse os erros do passado, porque não nos conheciam, que até então eles viviam como súditos de Montezuma, e antes disto, de seu pai e de seu avô, presos aos limites de sua terras, sem poder daí sair, e que não comiam sal porque não havia em sua terra (17), nem vestiam roupas de algodão porque o frio impedia que se criasse em suas terras. E que haviam conhecido a nossa força e não queriam ver mais suas casas destruídas e suas mulheres e filhos mortos, passando assim a serem vassallos de vossa alteza. Eu lhes fiz ver a culpa dos danos que sofreram, pois viera a esta terra acreditando que iria encontrar amigos, porque isto me fora certificado pelos meus amigos de Cempoal. E que inclusive mandara mensageiros na frente para dizer que eu vinha em paz, no entanto, o que fizeram foi me assaltar pelo caminho, lutar comigo, e depois de mandar mensageiros dizendo que aquilo fora feito sem sua licença, para novamente voltarem a me atacar. Eles reconheceram tudo e mais uma vez ofereceram suas pessoas e fazendas para os reais serviços e vossa majestade, o que acredito que farão para sempre.

Mesmo assim, permaneci sete dias sem sair do acampamento, embora eles me pedissem para ir até uma cidade grande onde residiam os senhores desta provincia. Foi então quando estes senhores vieram



até nosso real, pedindo que fosse para a cidade porque ali seria bem recebido e porque tinham vergonha que viesse tão mal estabelecido, pois me tinham como amigo e tanto eles como eu éramos vassallos de vossa majestade.

Diante da insistência, fui para a cidade (18), que está a seis léguas do real que tinha. A cidade é tão grande e de tanta admiração, que o muito que dela poderia dizer pode parecer incrível, porque é muito maior e mais forte que Granada. Tem bons edifícios com muita gente e melhor abastecida de coisas da terra do que Granada. Tem pão, legumes, aves, pescado, caça e outras coisas boas mais que eles comem. Há nesta cidade um mercado em que cotidianamente chegam mais de trinta mil almas vendendo e comprando. Ali há de tudo, vestido, calçado, comidas, jóias de ouro e prata, pedras preciosas tão bem elaboradas que podem ser expostas em qualquer mercado do mundo. Há casas onde lavam as cabeças como barbeiros e as raspam. Há banhos. Finalmente se tem que dizer que entre eles há ordem e policiamento, sendo gente muito melhor do que a da África.

Esta província tem muitos e formosos vales, todos lavrados e semeados, sem haver espaço desaproveitado, se estendendo em torno de noventa léguas. A ordem que esta gente conseguiu consiste em governar quase como Veneza, Gênova ou Pisa, porque não há um senhor geral de todos. Há muitos senhores e todos residem nesta cidade. O povo é todo lavrador e vassallo destes senhores, tendo cada um sua própria terra, uns mais que os outros. Quando há guerra, todos se juntam. Há nesta província quinhentas mil pessoas, sendo vizinha de uma província, chamada Guazincango, a qual, como Tascalcal, se tornou súdita de vossa alteza.

Quando estava, mui católico Senhor, naquele acampamento do campo, vieram a mim seis senhores de Montezuma com até duzentos homens, para me dizer que este queria ser vassallo de vossa alteza e que eu determinasse o tributo que a cada ano ele daria em ouro, prata, pedras, escravos e roupas de algodão. Desde que eu não entrasse em sua terras, porque eram muito estéreis e desprovidas de mantimentos, e que lhe causaria grande pesar que eu ali fosse passar necessidade. Estes emissários de Montezuma permaneceram comigo, inclusive durante as batalhas que travamos. Os moradores da província vinham me dizer que não devia confiar neles, porque eram traidores e haviam subjugado todos de sua terra. Por outro lado, os de Montezuma me avisavam que não devia confiar nos da província, porque estes eram traidores. Eu simplesmente fazia de conta que confiava em quem vinha me falar e usava a discórdia para subjugá-los mais.

Depois de ter estado nesta cidade por vinte dias, os mensageiros de Montezuma me convidaram a ir até uma cidade chamada Churultecal, que está a seis léguas de distância. Quando os de Tascalcal ficaram sabendo de nossa disposição em ir para as terras de Montezuma, procuraram nos fazer ver que isto era um cilada, que eles estariam nos esperando com cinqüenta mil homens e armadilhas para nossos cavalos. Eu agradei o aviso e mandei emissários pedir para os senhores de Churultecal que viessem até ali falar comigo, para saber o que eu queria lhes dizer em nome de vossa sacra majestade. Com nossos mensageiros voltaram três pessoas que não pareciam ser de importância. Disse-lhes que só falaria com os senhores da cidade e dei um prazo de três dias para que estes viessem até ali, caso contrário seriam castigados, como todos aqueles que não querem se submeter à vossa alteza real. No outro dia vieram alguns senhores da cidade, ou todos, e disseram que não tinham vindo antes ali porque aquela era terra de seus inimigos e que ali não tinham segurança. E que sabiam que estes deveriam ter dito algumas coisas deles, mas que não lhes

desse crédito porque eram seus inimigos, e que a partir de então ofereciam como vassalos de vossa majestade, cooperando com tudo que vossa alteza mandasse. Decidi então ir com eles para não mostrar fraqueza e porque pensava fazer meus negócios com Montezuma.

Quando o pessoal de Tascaltecal viu minha determinação e sair, disseram que eu errava, mas, como vassalos de vossa alteza, bem amigos que passaram a ser, queriam ir comigo para me proteger. Roguei que não fossem, porém me seguiram com vossa alteza e com trombetas e atabales, além de mulheres vestidas com os trajes de suas cerimônias religiosas. No caminho para a cidade topamos com muitas sinais que os de Tascaltecal haviam alertado, como o caminho fechado e a passagem por outro, algumas ruas da cidade deixadas com taipas e muitas pedras em todos os terraços. Isto nos deixou de sobreaviso.

Na cidade, falei com alguns mensageiros de Montezuma, mas não me disseram coisa alguma. Passaram-se três dias e nenhum chefe veio falar comigo, enquanto que as provisões que nos davam começavam a escassear. Uma índia que trazia comigo como intérprete (19) soube por uma outra nativa que eles haviam retirado todas as mulheres e crianças da cidade e que pretendiam matar todos nós. Peguei secretamente um nativo da cidade e este confessou o mesmo que a índia havia dito, e que o pessoal de Tascaltecal havia me alertado. Resolvi agir antes de ser atacado. Chamei alguns senhores da cidade, dizendo que queria falar-lhes, e tranquei-os em uma sala, com o aviso aos nossos para que quando ouvissem um tiro de escopeta caíssem sobre a maior quantidade de índios possível. E assim foi feito. Em duas horas matamos mais de três mil índios e prendemos na sala todos os chefes. Depois saímos pela cidade e deparamos com a enorme

quantidade de gente de guerra que iria nos atacar, mas como eles estavam desprevenidos e sem os seus comandantes, os desbaratamos facilmente, ainda mais que tínhamos a ajuda dos cinco mil índios de Tascaltecal que ficaram conosco e mais quatrocentos de Cempoal. Dominada a situação, voltei a falar com os chefes presos. Disseram que não tinham culpa do ocorrido, que foram forçados a isto pelos habitantes de Culúa, que fica léguas e meia de distância, e que são vassalos de Montezuma, o qual reunira ali cinquenta mil homens. Mas que reconheciam como haviam errado e pediam que soltasse um deles, que fariam todas as mulheres e crianças retornar à cidade. Rogavam que lhes perdoasse o erro e que dali em diante seriam leais vassalos de vossa alteza e meus féis amigos. Depois de ter falado muitas coisas, soltei dois deles e no dia seguinte a cidade estava toda povoada, como se nada tivesse acontecido. Logo soltei os outros senhores. Em questão de quinze dias que ali fiquei a cidade permaneceu pacífica, sem que nada faltasse em seus mercados. E eu fiz com que os moradores desta cidade de Churutecal (20) e os de Tascaltecal voltassem a ser amigos como eram antes, pois fazia pouco tempo que Montezuma havia atraído os últimos com suas dádivas e tornado-os inimigos. Esta cidade de Churutecal está assentada sobre um plano, tem muitas torres tipo mesquita e é o lugar mais a propósito para viverem os espanhóis, porque tem áreas e água para criar o gado e imensas terras lavradas e as pessoas são melhor vestidas que as demais, embora ainda existam pobres pedindo pelas ruas, como na Espanha.

Reuni os mensageiros de Montezuma que iam comigo e lhes falei da traição urdida por seu líder, dizendo que não era digno de tão grande senhor como ele enviar-me representantes tão honrados a dizer que é meu amigo e depois me traí-lo. E que diante disto eu queria mudar meu propósito e não iria mais conversar com ele mas guerrear como inimigo, fazendo-lhe todo dano que pudesse. Eles me

rogaram que antes de atacar lhes desse oportunidade de ir conversar com Montezuma para saber a verdade. Deixei ir um deles até a cidade onde está Montezuma e que dista vinte léguas. Voltou depois de seis dias com um outro, trazendo vinte léguas. Deixei ir um deles até a cidade de onde vieram os que formaram a guarnição e que tinham o costume de se ajudarem mutuamente. E que adiante eu veria se era que não poderia deixar de ir à sua terra, porque precisava enviar um relato dela a vossa majestade. E, portanto, mesmo se quisesse ou não me esperaria naquela grande cidade onde estava, tendo mandado muitos dos seus para me acompanhar.

A oito léguas desta cidade de Churultecal estão duas serras muito altas e maravilhosas, que em fins de agosto estão totalmente cobertas de neve. Do alto de uma delas sai uma grande quantidade de vapor, que tem tanta força que nem o forte vento que lá sopra consegue desviar (21). Como eu queria fazer um relato fiel a vossa majestade, mandei alguns espanhóis subir à serra para observar o segredo daquele fenômeno. Mas os torvelinhos eram tão fortes que eles não conseguiram ir muito acima, tendo trazido mostras de neve e de gelo.

Quando foi para seguirmos para a cidade de Montezuma, os emissários deste queriam nos levar por um caminho muito íngreme,

de muitas pontes e passagens difíceis. Isto nos pareceu muito ruim e temeroso de alguma emboscada. Mas quando os nossos espanhóis foram observar as montanhas cobertas de neve descobriram um outro caminho, muito bom, que de acordo com os nativos levava a Culúa. Os espanhóis foram por ele até encontrar as serras, por meio das quais segue o caminho, tendo ido até as planícies de Culúa, a grande cidade de Tenochtitlán (22) e as lagoas que existem nesta província e que adiante relatei a vossa majestade. Os mensageiros de Montezuma disseram que não queriam nos guiar por aquele caminho porque passava pelas terras de Guasucingo, que era inimigo deles, o que faria com que sofrêssemos privações de mantimentos. Eu insisti que queria ir por ali e assim partimos, com grande temor de que quisessem praticar alguma burla.

Andamos aquele dia quatro léguas e pernoitamos em uma aldeia de Guasucingo, onde fomos muito bem recebidos pelos nativos, que me deram algumas escravas, roupas e certas peças de ouro, o que era muito pesado para ele pois era um povoado muito pobre. No outro dia, subi ao desfiladeiro por entre as serras e na descida, já nas terras de Montezuma, descobrimos uma província que se chama Chalco. Duas léguas antes de chegar ao povoado encontramos um paradoro tão bom que pôde abrigar toda minha companhia e mais os quatro mil índios de Tascaltecal, Guasucingo, Churultecal e Cempoal que levava comigo. Ali me vieram falar certas pessoas de Montezuma que pareciam principais, um dos quais se dizia seu irmão. Trouxeram-me até três mil pesos em ouro e o pedido de Montezuma, mais uma vez, para que não entrasse em sua cidade, porque era muito pobre em comida e que estava toda em água, não podendo chegar lá a não ser em canoa, além de outros inconvenientes. Eu os recebi muito bem, dei-lhes algumas coisas da nossa Espanha, especialmente ao que dizia ser irmão de Montezuma, mas insisti que havia vindo a esta terra a mando de vossa majestade e que a principal coisa que me mandara fazer

havia tido noticia. E que rogava que a minha ida fosse por bem, distância e vieram novos emissários de Montezuma, dizendo que haviam sido mandados para prover nossas necessidades. O senhor de provincia nos deu quarenta escravas e toda comida necessária durante os dois dias que ali estivemos. Dali seguimos para um povoado pequeno, a quatro léguas de distância, que está quase dentro de uma lagoa, enquanto que a outra parte situa-se junto à encosta de uma serra muito íngreme. Ali nos apresentaram muito bem, mas à noite quiseram testar nossa força, mandando espíões por água e por terra. Ao amanhecer tínhamos tomado ou matado quinze ou vinte deles. Em seguida vieram doze senhores principais de Montezuma, outros muitos grande, um jovem mancebo de 25 anos para o qual os outros limpavam o caminho ao passar. Disse-me este jovem que seu senhor, Montezuma, pedia que o perdoassem por não vir receber-me, por estar indisposto. Mas que sua cidade estava perto e que, em vista de minha determinação de ir até lá, que nela me receberia e mostraria sua vontade de servir vossa majestade. Mas que ainda me rogava que não fosse até lá, pois padeceria muito trabalho e necessidade e ele tinha vergonha em não poder me prover do que necessitava. E insistiram tanto com isto, que só faltava dizer que defenderiam o caminho para que eu não fosse até lá. E se despediram depois que lhes dei algumas coisas que trazia.

Parti atrás deles e a uma légua costeando a lagoa vi dentro dela uma pequena cidade de mil ou duas mil casas, toda armada sobre a água, sem nenhuma entrada. Uma légua adiante entramos por uma calçada tão larga como uma lança de ginete e por ela fomos lagoa adentro, até darmos em uma cidade, a mais formosa que até então havíamos visto, com casas muito bem construídas, para dois mil habitantes aproximadamente. Deram-nos de comer e pediram que dor-

míssemos ali, porém fomos adiante três léguas, até outra cidade, chamada Izapalapa, que é de um irmão de Montezuma, o qual veio receber-me. Esta cidade tem doze ou quinze mil vizinhos, estando a metade dentro de uma lagoa e a metade em terra firme. O senhor dela possui casas muito bem trabalhadas, tanto em cantaria como em carpintaria e jardinagem, tão ricas como as da Espanha. Muitos quartos possuem altos e baixos jardins muito frescos, de muitas árvores. Junto à casa há uma grande horta e no meio desta uma fonte de água doce, com paredes trabalhadas em cantaria e solo de ladrilho.

Parti desta cidade no outro dia e a meia légua entrei por uma calçada que vai por meio desta lagoa, até alcançar a grande cidade de Tenochtitlán (23), que está fundada no meio da dita lagoa. Esta calçada é tão larga como duas lanças e tão bem trabalhada que podem ir por ela até oito cavalos lado a lado. Ao longo destas duas léguas da dita calçada estão três cidades. Uma chamada Mescalsingo, de três mil pessoas, fundada quase toda dentro da lagoa; outra, chamada Niciaça, de três mil habitantes, e mais Huchilohuchico, de cinco mil, ambas situadas na margem da lagoa, mas com muitas casas dentro d'água. Todas com muito boas casas e torres, em especial as dos senhores principais, assim como as mesquitas e oratórios onde têm seus ídolos. E assim segui a dita calçada, e meia légua antes de chegar ao corpo da cidade de Tenochtitlán, num ponto em que esta calçada se encontra com uma outra que também vem de terra firme, há um forte baluarte com duas torres, cercados por um enorme muro que não tem mais que duas portas, uma por onde entram e outra por onde saem. Aqui saíram para me ver até mil homens principais, todos ricamente vestidos. Ao chegarem diante de mim cada um fazia uma cerimônia que é comum aqui e que consiste em se abaixar, colocar a mão sobre a terra e beijá-la. Com isto, tive que esperar quase uma hora até que todos fizessem a cerimônia. Já junto à cidade há uma ponte de madeira de dez passos de largura, passada a qual veio nos receber o senhor

Montezuma (24) com até duzentos senhores, todos descalços e vestidos de uma maneira diferente dos que nos receberam antes, mas tão bém ricamente. Vinham em duas procissões através de uma rua muito larga e muito bonita, com as paredes das casas todas ornamentadas. Montezuma vinha pelo meio da rua, ladeado por dois senhores, mas o dois me impediram, mesmo assim todos os três fizeram, um bém já se encontrara comigo. Aproximei-me para abraçar Montezuma mas os dois me impediram, mesmo assim todos os três fizeram, um me tomasse pelo braço, para que seguissemos caminhando. Antes disso, coloquei em seu pescoço um colar de diamantes. Enquanto seguimos caminhando, um dos seus servidores trouxe-lhe um colar com oito camarões de ouro, feitos com muita perfeição, que ele colocou em meu pescoço. Seguimos caminhando até chegar a uma casa muito grande e formosa. Ali me tomou pela mão e me levou até uma grande sala fronteira a um pátio, onde me fez sentar em um estrado muito rico que para ele havia mandado fazer, pedindo que esperasse um pouco. Voltou em seguida com diversas jóias de ouro e prata, muitas plumagens e de cinco a seis mil peças de roupas de algodão, todas muito finas e bem trabalhadas. Depois sentou em um outro estrado, que logo fizeram junto ao que eu estava, e sentenciou o seguinte:

“Muitos dias há que, pelas escrituras que temos de nossos antepassados, tomamos conhecimento que nem eu nem todos que nesta terra habitamos somos naturais dela, senão que somos estrangeiros, vindos a ela de partes muito estranhas. E sabemos que nossa geração foi trazida a esta parte por um senhor, de quem todos eram vassallos, o qual voltou à sua terra e depois tornou a vir, desde muito tempo, tanto que os que haviam deixado já estavam casados com as mulheres nativas da terra, havendo muitas gerações e muitos povoados. E sempre sabemos que os que dele descendessem haveriam de vir a subjugar a esta terra e a nós, como seus vassallos. E de acordo com a parte

que vós dizeis que vens, que é a de onde nasce o sol, e segundo as coisas que dizeis deste grande senhor e rei que aqui vos enviou, cremos e temos por certo ser ele o nosso senhor natural. Especialmente porque nos diz que há muito têm notícias de nós. Portanto, estejais certo que obedecemos, podendo o mesmo mandar à vontade em toda a terra que é de meu domínio. Desta maneira, estais em vossa natureza e em vossa casa, podendo descansar do trabalho, da caminhada e das guerras que haveis enfrentado. E certo que os que lhes têm prestado serviços de Putunchan até aqui, especialmente os de Cempol e de Tascaltecal, têm falado muitas coisas ruins de mim, porém não deveis acreditar além daquilo que vossos olhos vêem. Muitos dos que agora são meus inimigos eram meus vassallos e se rebelaram aproveitando a vossa chegada. Espalharam eles que minhas casas tinham paredes de ouro, que meus estrados e outras coisas de meus serviços eram de ouro e que eu me fazia de Deus. As casas, podeis ver, são de pedra, cal e terra.” E tirando suas roupas me mostrou o corpo dizendo: “Vede que sou de carne e osso como vós e como qualquer um, que sou mortal e palpável. Vede como vos mentiram. É verdade que tenho algumas coisas de ouro que herdei de meus avós. E tudo que tenho podeis dispor toda vez que quiserdes. Eu irei para outras casas onde vivo, mas aqui sereis provido de todas as coisas necessárias para vossa gente e não vos molestais com nada, pois estais em vossa casa e natureza”. Eu lhe respondi tudo que perguntou, satisfazendo aquilo que convinha, em especial fazendo-lhe crer que vossa majestade era quem eles esperavam. E com isto se despediu, não sem antes nos prover de muitas galinhas, pão, frutas e outras coisas necessárias ao serviço dos aposentados. Assim, permaneci seis dias muito bem provido de tudo o necessário e sendo visitado por aqueles senhores.

Passados, invictíssimo príncipe, os seis dias em que permanecia nesta grande cidade de Tenochtitlán e depois de ter visto muitas coi-

sas, senti que convinha ao real serviço de vossa majestade e à nossa segurança que aquele senhor Montezuma ficasse em meu poder e não em sua total liberdade. E assim determinei prendê-lo e colocá-lo no aposento onde eu estava, que era muito forte e seguro. Fui então até a casa de Montezuma, como já fizera outras vezes, e depois de ter conversado amenidades e coisas de prazer com ele, e de ter ele me dado uma filha sua e outras filhas de senhores a alguns de minha companhia, falei-lhe a respeito do que eu ficara sabendo que ocorrera na cidade de Almería, onde, por ordem dele, haviam matado alguns panhóis que ali estavam. O próprio senhor daquela cidade, Qualpopoca, confessou que como seu vassalo apenas cumpria suas ordens. E disse-lhe que eu não acreditava que isso fosse verdade, mas que o fato iria desagradar profundamente a vossa majestade e, por isto, pedia que mandasse buscar aquele senhor Qualpopoca para esclarecer os fatos. Imediatamente ele mandou alguns dos seus até a cidade de Almería, que dista sessenta ou setenta léguas, para que trouxessem o tal Qualpopoca. Então eu disse que ele deveria ficar em minha pousada até que se esclarecesse a verdade, salientando que ele não ficaria como preso, mas com toda liberdade, podendo usar todos os seus serviços. Ele disse que teria prazer em ir comigo e mandou adornar um aposento, para que ficasse como em sua casa. E assim o mantivemos sob nosso controle sem causar qualquer problema nem reação da população.

Passados vinte dias do aprisionamento, chegaram aqueles que haviam ido buscar Qualpopoca, trazendo o cacique, os que haviam matado os espanhóis e mais quinze principais. Qualpopoca chegou em um andor, como eram carregados os senhores, o que de fato ele era. Entregaram todos eles a mim e eu os interroguei. Perguntei ao cacique se era vassalo de Montezuma e ele indagou se era possível ser vassalo de outro senhor. Perguntei se o que ali havia se passado fora mandado por Montezuma e eles confirmaram que sim. Mandei

então queimar todos vivos, o que foi feito em uma praça, sem alvoroço nenhum. Depois mandei colocar algemas em Montezuma, o que ele recebeu sem espanto. Todavia, depois de ter conversado muito com ele tirei-lhe as algemas, o que o deixou muito contente. Dali em diante procurei sempre agradá-lo e atendê-lo no que me pedia. E tanto ele como os demais senhores se alegravam muito em se manter como súditos de vossa majestade. Foi tanto o comportamento e o tratamento que dispensei, que muitas vezes permiti que fosse até sua casa, embora sempre recusasse dizendo que estava muito bem ali, onde não lhe faltava nada. Contudo, saía com frequência para algumas casas de prazer que ele mantinha fora da cidade, onde ia acompanhado de alguns espanhóis e de onde voltava sempre muito alegre. Sempre que saía fazia muitas doações de jóias e roupas tanto a espanhóis como a nativos que o acompanhavam. E na volta fazia com eles grandes banquetes, para cada um contar suas façanhas.

Depois que me certifiquei que este senhor tinha grande desejo de servir a vossa majestade, pedi-lhe, para que pudesse fazer um relato mais preciso a vossa alteza, que me mostrasse as minas de onde tirava o ouro. E logo fez vir alguns servidores seus que de dois a dois enviou para quatro províncias, cada dupla sendo acompanhada por outra dupla de espanhóis. Uns foram para a província de Cuzula, que dista oito léguas de Tenochtitlán, onde os vassalos de Montezuma daquela região mostraram três rios, de onde tiraram e me mandaram ouro de boa qualidade, mas extraído com pouca aparelhagem. No caminho passaram por três províncias de terra muito formosa, segundo contaram os espanhóis, de muitas vilas e cidades, de grandes populações e de edifícios tão bons que os existentes na Espanha não poderiam ser melhores. Em especial, me disseram que haviam visto uma casa de aposentos e fortaleza que é maior, mais forte e melhor edificada que o castelo de Burgos. Outros foram a uma outra província chamada Malinaltebeque, que dista setenta léguas de Tenochtitlán

em direção ao mar. Trouxeram-me muito ouro de um grande rio que passa por ali. Outros foram rio acima a uma província chamada Tênis, cujo senhor se chama Coaticamat, e onde falam uma língua diferente da de Culúa. Por ser uma região de serras muito altas e ásperas, a população não está sujeita a Montezuma. Em vista disto, antes de entrar nas terras mandamos emissários pedir licença. Coaticamat respondeu que só deixaria entrar os espanhóis e não a gente de Montezuma que era sua inimiga. Os espanhóis hesitaram, principalmente porque os de Culúa disseram que isto era um truque para matar os nossos. Mesmo assim os espanhóis resolveram ir e foram muito bem recebidos, tendo os nativos lhes mostrado oito rios de onde tiravam ouro. Coaticamat enviou junto com os espanhóis emissários seus para dizer que se colocava inteiramente a serviço de vossa majestade. A outra dupla de espanhóis e enviados de Montezuma foi para a província de Tuchtibeque, onde também viram rios e sacaram ouro. Esta província dista doze léguas de Malinaltebeque.

Como os espanhóis que foram a Malinaltebeque me informaram que ali era o local mais adequado para fazer estâncias e extrair o ouro, roguei a Montezuma que fizesse na mesma uma estância para vossa majestade. E ele colocou tanta dedicação a este empreendimento que, em apenas dois meses, estavam semeadas setenta fanegas de milho, dez de feijão e dois mil pés de cacap (25), que é uma fruta como a amêndoa, que eles vendem moída e que possuem tanta que é usada como moeda da terra, com ela se comprando todas as coisas necessárias no mercado e em outras partes. Mandou fazer também quatro casas muito boas, sendo que numa colocou um reservatório de água e um pequeno lago, onde pusera quinhentos patos, que aqui possuem muito, pois os pelam todos os anos para aproveitar as plumas que usam como roupas. Puseram ainda mil e quinhentas galinhas.

Depois pedi a Montezuma detalhes sobre a costa daquela região, se havia algum rio ou ponto de atração. Ele disse que não sabia,

mas que me daria todas as informações. No outro dia me trouxeram um mapa pintado em um pano, com todos os contornos da costa e a indicação de um rio, o qual parecia estar entre as serras, que chamam Samnín, na província de Mazalmaco. Logo mandei dez homens procurar aquele rio, que só foi encontrado depois de percorridas setenta e tantas léguas desde o porto de Chalchimeca, ou San Juan, onde desembarquei. Entraram em canoas pelo dito rio e chegaram à província de Cuacalco, cujo senhor chamado Tuchtintecla os recebeu muito bem e lhes deu outras canoas para subirem rio acima, até doze léguas, tendo visto na ribeira grandes populações. O povo desta região não é vassalo de Montezuma, mesmo assim seu senhor me enviou junto com os espanhóis mensageiros seus com presentes em jóias de ouro, couros de tigre e plumagens. Disseram-me que há muito que seu senhor tivera notícias de mim, através dos Putunchan, que é o rio de Grijalva, que são seus amigos. E que ele se oferecia a serviço de vossa majestade, com toda sua gente, rogando que eu me tornasse seu amigo, com a condição de que os de Culúa não entrassem em suas terras.

Em capítulos passados, mui poderoso senhor, já falei da província de Tascaltecal, que faz divisa com Tenochtitlán, e cujo senhor é Cacamazin. Depois da prisão de Montezuma, este Cacamazin se rebelou contra o serviço de vossa majestade. Por muitas vezes então requeri que viesse a obedecer os reais serviços de vossa alteza e até o próprio Montezuma lhe mandou fazer tal pedido. Respondia que se algo queria, que fosse até sua terra. Segundo me informei, tinha enorme quantidade de gente de guerra, todos bem a ponto. Como nem por advertência, nem por requerimento conseguí atraí-lo, falei com Montezuma e lhe pedi seu parecer sobre o que deveríamos fazer para que aquela rebeldia não ficasse sem castigo. Ele me respondeu que tentar prendê-lo pela guerra era muito arriscado, pois ele tinha enormes contingentes e não seria preso sem que perdêssemos muita gente. Mas

que ele, Montezuma, tinha em suas terras muitos senhores principais de Cacamazin, que ali viviam e recebiam salários e que ele falaria com eles para que o atrassem, facilitando a sua prisão. E assim Montezuma fez acetos de maneira que aquelas pessoas atraíram Cacamazin a um encontro na cidade de Tenochtitlán para, como pessoas principais, discutirem as questões de interesse de seu estado. E assim se juntaram em uma casa do próprio Cacamazin, situada à costa da lagoa e construída de tal maneira que as canoas navegam por debaixo dela, saindo dali para a lagoa. E quando estavam ali reunidos, aqueles senhores principais o tomaram e, sem que sua gente percebesse, o colocaram numa canoa e levaram para a grande cidade. Ali chegados, o puseram em um andor, como sua posição requeria, e o trouxeram para mim. Eu mandei algemá-lo e colocá-lo sob controle. E tomando o parecer de Montezuma, coloquei, em nome de vossa alteza, no lugar daquele senhor a um seu próprio filho, de nome Cucuzcacin. Determinei a todas as comunidades (26) e senhores da dita província que o tivessem como senhor, até que vossa alteza fosse servida por outra decisão.

Passados alguns dias, Montezuma fez uma conclamação aos senhores de terras e cidades da região, tendo, em minha presença, dito o seguinte: "Irmãos e amigos meus; já sabeis que de muito para cá vós e vossos pais e avós têm sido súditos e vassallos de meus antecessores e meus. E sempre por eles e por mim têm sido muito bem tratados e honrados. De sua parte, vós também têm feito o que bons e leais vassallos são obrigados a fazer a seus senhores naturais. E também creio que, como nós, tendes memória por vossos antecessores que não somos naturais desta terra. Que nossos antecessores aqui foram trazidos e deixados por um senhor, o qual, quando voltou mais tarde, viu que nossos avós já tinham povoadado esta terra, casando com as mulheres daqui. E como tinham muita multiplicação de filhos não quiseram voltar com ele. Mas ele veio e disse que um dia voltaria ou

mandaria alguém com tal poder para nos levar a seu serviço. E bem sabeis que sempre o temos esperado. E segundo as coisas que o capitão nos tem dito daquele rei e senhor que o enviou aqui, tenho certeza, e vós também deveis ter, que aquele é o senhor que esperávamos. E como nossos predecessores não fizeram o que deviam a seu senhor, façamos nós e demos graças aos nossos deuses por ter vindo em nossos tempos o que aqueles tanto esperavam. E por tudo isto que é notório, rogo-lhes que, assim como até agora me haveis tido e obedecido como senhor, de agora em diante tenhais e obedeceis a este grande rei, pois ele é o vosso senhor natural, e em seu lugar tenhais este seu capitão. Todos os tributos e serviços que até aqui me eram prestados, passarão a ser prestados a ele. Eu mesmo tenho que servir e contribuir com tudo que me mandar. Se fizerdes o que deveis e sois obrigados a fazer, a mim estareis dando muito prazer." Disse tudo isto em meio a lágrimas e suspiros, de maneira tão emocionante que aqueles senhores que ali estavam ouvindo também chegaram às lágrimas e não conseguiram responder uma só palavra. Somente depois de algum tempo, quando aliviaram as lágrimas, é que conseguiram dizer que cumpriram tudo o estabelecido, dando-se por vassallos de vossa majestade.

Passado o oferecimento que estes senhores fizeram ao real serviço de vossa majestade, falei um dia com Montezuma e lhe disse que vossa alteza tinha necessidade de ouro para certas obras que mandara fazer e que rogava que mandasse algumas pessoas suas, acompanhadas de espanhóis, às terras e casas daqueles senhores que ali haviam se oferecido. Imediatamente ele pediu que eu designasse os espanhóis que queria mandar, os quais foram repartidos junto com os homens de Montezuma pelas diversas e distantes províncias, em busca das oferendas daqueles senhores. E todos estes fizeram, muito gentilmente, suas oferendas em jóias de ouro e prata, além de outros objetos em ouro que, fundido tudo o que era para fundir, coube do quinto a vossa

majestade trinta e dois mil e quatrocentos e tantos pesos de ouro, sem contar as jóias de prata, plumagens, pedras e muitas outras coisas de valor, as quais por sua novidade não têm nem preço. Tudo é tão fabuloso que não se pode crer que príncipe algum no mundo tenha algo igual. Além disto, Montezuma mandou fazer de ouro imagens, crucifixos, medalhas, jóias e colares, sendo tudo lavrado de maneira muito perfeita (27). Além disto, Montezuma me deu muitas roupas suas, que são feitas de algodão e seda, muito coloridas e muito finas, bem como tapetes, que podem ser usados em igrejas, colchas e cobertores de camas, tanto de pluma como de algodão, de diversas cores, tudo muito lindo.

Procurarei dar, mui poderoso senhor, um pequeno relato das grandezas, maravilhas e estranhezas desta grande cidade de Tenochtitlán, de sua gente, seus ritos e costumes, assim como da maneira ordeira como a governam, o que se dá da mesma forma nas outras cidades. Mas, certamente, tudo que direi será pouco para descrever o que aqui existe. Mas, pode acreditar vossa majestade que, se algum erro cometer será por exclusão e não por excesso. Esta grande cidade de Tenochtitlán está fundada em uma lagoa e desde a terra firme até o centro da cidade, por qualquer parte que se entrar, há duas léguas. Esta cidade é tão grande como Sevilha e Córdoba (28). As ruas principais são muito largas e retas. A maioria delas são metade de terra e metade de água, por onde andam com canoas. Todas as ruas, de trecho em trecho, estão abertas por uma travessia de água. Há duas pontes, de vigas muito bem trabalhadas e fortes. Tem muitas praças, onde há contínuos mercados e pontos de compra e venda. Há uma praça tão grande que corresponde a duas vezes a cidade de Salamanca, com pórticos de entrada, onde há cotidianamente mais de sessenta mil almas comprando e vendendo. Há todos os gêneros de mercadorias que se conhece na terra, desde jóias de ouro, prata e cobre, até galinhas, pombas e papagaios. Há casas como de boticários, onde vendem os

medicamentos feitos por eles, assim como unguentos e emplastos. Há casas como de barbeiros, onde lavam e raspam as cabeças. Há casas onde dão de comer e beber mediante um pagamento. Há homens como os que chamam em Castela de "ganha-pão" para trazer cargas. Há muita lenha, carvão e esteiras para camas de diversos tipos. Há verduras de todos os tipos, mel de abelha, fios de algodão para tecer, couro de veado, tintas para pintar tecidos e couros, louças de muito boa qualidade, milho em grão ou já transformado em pão de excelente sabor. Enfim, vendem tantas coisas que seria prolixo relatar todas aqui, mas é preciso salientar que em cada rua é vendido apenas um tipo de mercadoria, havendo muita ordem quanto a isto. Há no centro da praça uma casa de audiências, onde estão sempre reunidos dez ou doze juizes para julgar as questões decorrentes de desacertos nas compras e vendas. Também mandar castigar aqueles que cometem atos de delinquência.

Possui esta grande cidade muitas mesquitas ou casas de seus ídolos, todas de formosos edifícios situados em todos os bairros (29). Nas principais há religiosos que residem permanentemente. Estes religiosos se vestem de negro e nunca cortam o cabelo. Todos os filhos dos senhores importantes freqüentam estas mesquitas desde os setes anos até o casamento. As mulheres, todavia, não têm acesso a nenhuma casa de religião. Há uma mesquita principal que não existe língua humana que consiga descrever a sua beleza e as suas particularidades. Sua área é tão grande que se poderia fazer ali uma vila de quinhentos vizinhos. Possui amplas salas, ótimos aposentos e quarenta torres muito altas, sendo que a mais alta é maior que a torre da igreja principal de Sevilha.

Dentro da grande mesquita há três salas onde estão os ídolos principais, todas de maravilhosa grandeza e belos trabalhos em can-tarias madeiramento e figuras esculpidas. Dentro destas salas estão pequenos compartimentos, sem claridade nenhuma, onde ficam al-

guns religiosos. Ali dentro é que ficam seus ídolos. Os principais destes ídolos e nos quais eles tinham mais fé eu derrubei de seus assentos e os fiz descer escada abaixo. Fiz também com que limpassem aquelas capelas, pois estavam cheias de sangue dos sacrifícios que faziam. Em lugar dos ídolos mandei colocar imagens de Nossa Senhora e de outros santos, apesar da resistência de Montezuma e de outros nativos, por entenderem que as comunidades se levantariam contra mim. Eu os fiz entender quão enganados estavam em ter esperanças naqueles ídolos, e que deveriam saber que existe um só Deus, senhor universal de todos, o qual havia criado o céu, a terra e todas as coisas e fez a eles e nós, sendo imortal, e que a este é que deveriam adorar. Insisti para que não matassem mais criaturas em sacrifícios para seus ídolos e providenciei a limpeza das capelas e colocação de nossos santos. As estátuas destes ídolos são tão grandes quanto um homem. São feitas de sementes e legumes que comem, moídos e amassados com sangue de coração de corpos humanos, os quais arrancam do peito vivo. Cada coisa tem seu ídolo. Assim, há, por exemplo, um ídolo para a guerra, outro para a colheita e assim por diante.

A cidade possui muitas e muito boas casas e a causa principal disto é que todos os principais vassallos de Montezuma residem certo tempo do ano ali. Além disto, há muitos cidadãos ricos. Estas casas possuem amplos e ótimos aposentos, todos com jardins em flor, tanto os altos como os baixos. Pela calçada que chega à cidade vêm dois canos de argamassa, com uma largura de dois passos cada um. Por um deles chega a água doce à cidade, da qual todos se servem e bebem. O outro serve de alternativa, com a água sendo desviada por ali quando querem limpar o primeiro cano.

Considerando ser esta gente bárbara e tão apartada do conhecimento de Deus, é de se admirar ao ver como têm todas as coisas. As pessoas andam bem vestidas, com boas maneiras, quase da mesma forma como se vive na Espanha. Nos mercados e lugares públicos há

muitas pessoas e especialistas de determinados ofícios que ficam na espera de quem os venha contratar por jornadas. Há muito mais coisas a relatar a vossa alteza sobre esta cidade, o que não o farei para não ser prolixo, embora ainda volte a falar dela. No que toca a Montezuma, sua grandeza e admiração, há tanto que escrever que certifico a vossa alteza que não sei por onde começar. Que mais se pode admirar do que um senhor bárbaro como este ter à sua disposição o melhor que há debaixo do céu em ouro, prata, pedras e plumas? Tão natural o ouro e a prata que não há ourives no mundo que melhor fizesse. Não se consegue também dimensionar quão grandes são as terras sob o domínio de Montezuma. O que se pode dizer é que ele domina uma área pelo menos do tamanho da Espanha, porque desde esta parte de Putunchan, que é o rio de Grijalba, enviou mensageiros a que se dessem por vassallos de vossa alteza aos nativos da cidade de Cumután, que fica a duzentas e trinta léguas de distância. Por cento e cinqüenta léguas eu fiz os espanhóis os acompanhar.

Todos os senhores de províncias prestavam serviços a Montezuma e possuíam forças à sua disposição. E cada província lhe prestava serviço de acordo com a qualidade da terra, de maneira que ele recebia tudo que precisava. Nas cercanias da cidade ele tinha muitas casas de prazer, cada uma com sua maneira de passar o tempo, todas muito bem trabalhadas, de acordo como poderia exigir um grande príncipe e senhor. Dentro da cidade ele tinha suas casas de aposentos, todas de grande beleza e conforto que se torna impossível descrever, pois na Espanha não há nada igual. Tinha uma outra casa, de mármore e louça de jaspe, com jardins e miradores, que servia para abrigar até dois grandes príncipes com todas as suas comitivas. Esta casa tinha dez lagos artificiais onde mantinham todas as espécies de aves aquáticas de que se tem conhecimento. De tempos em tempos esvaziavam estes lagos para limpar e trocar as águas. Só para cuidar destas aves havia trezentos homens, que davam o tipo de alimento que cada

uma delas gostava. Havia uma outra casa onde só cuidavam de aves e animais ferozes, como águias de todas as espécies, leões, tigres, leonhas em abundância. Todos estes animais eram tratados com galicuidá-los.

As refeições de Montezuma obedeciam a um ritual, pois vinha uma longa fila de jovens trazendo todo o tipo de comida, desde aves, pescado, frutas e legumes que enchiam uma sala. Como esta terra é muito fria, abaixo de cada bandeja traziam um braseiro para manter a comida quente. Ao princípio e ao fim da comida lhe davam água e toalha para lavar as mãos. Uma vez usada a toalha, não se usava mais. Da mesma forma procediam com os pratos. Se Montezuma queria repetir a comida ou comer um outro tipo, traziam-lhe um outro prato. Montezuma trocava de roupas quatro vezes por dia e as roupas que tirava nunca mais voltava a usar. Todos os senhores que entravam em sua casa tiravam o calçado e levavam a cabeça e olhos inclinados em sinal de reverência. Quando ele passava pela rua as pessoas igualmente baixavam a cabeça, não o olhando diretamente. Ele era sempre conduzido em um andor, precedido de um senhor que levava três varas, uma das quais ele apanhava ao descer e usava como bastão enquanto caminhava. Eram tantas e tão diversas as cerimônias que este senhor tinha a seu serviço que era necessário mais espaço do que o que tenho presentemente para escrever sobre ele.

Estando ao real serviço de vossa majestade nestas terras desde 8 de novembro de 1519 até o entrante mês de maio do presente ano e tendo reparido muitos dos espanhóis pelas diversas províncias, aguardava a chegada de algum navio com a resposta do relato que eu enviava a vossa alteza, pensando remeter por eles o presente relato e todas as coisas de ouro e jóias que reuni para vossa majestade. Assim estava nesta espera quando um dia me chegaram alguns índios que moravam na costa e me disseram que haviam chegado a San Martin dezoito

to navios e que eles não sabiam quem eram. Em seguida chegou um nativo da Ilha Fernandina, que me trouxe uma carta de um espanhol que eu havia deixado na costa para observar a chegada de algum navio e me avisar. Na carta dizia que: "Em tal dia havia aparecido um navio em frente ao porto de San Juan e que ele havia observado por toda a costa e não havia nenhum outro e que acreditava que esta fosse a nau que eu havia enviado a vossa sacra majestade, pois já era hora de estar de volta. Mas, para melhor me informar, ele aguardaria no porto e logo viria me fazer um relato". Imediatamente mandei ao dito porto mensageiros espanhóis por dois caminhos distintos e enviei também outros à vila de Vera Cruz para se informarem sobre o que o pessoal dali sabia a respeito dos ditos navios. Passaram-se quinze dias sem que eu nada soubesse, até que chegaram outros índios, vassallos de Montezuma, dos quais soube que os navios já estavam atracados no porto de San Juan e a gente desembarcada, havendo oitocentos homens, oitenta cavalos e dez ou doze tiros de fogo. Tudo vinha desenhado em um papel para ser mostrado a Montezuma. E me disseram também que o capitão daquela gente não deixara o espanhol que eu havia posto na costa vir me avisar. Sabendo disto, decidi enviar um religioso (30) que trouxera em minha companhia, com uma carta minha e outra de alcaides e regentes da vila de Vera Cruz que também me acompanhavam. Eram dirigidas ao dito capitão para que, através de um muito extenso relato, ficasse sabendo o que nesta terra me havia sucedido e como tinha muitas cidades, vilas e fortalezas conquistadas e pacificadas, submetidas ao real serviço de vossa majestade. Disse também como mantinha sob meu controle o senhor de todas estas terras e pedia-lhes que me fizessem saber quem eram e se eram vassallos naturais de vossa alteza. E se tivessem alguma necessidade eu lhes proveria de tudo que precisassem e pedia-lhes que logo se fossem. Da mesma forma, se fossem estrangeiros, eu lhes proveria das necessidades, mas teriam que ir logo embora, senão eu iria contra

eles com espanhóis e nativos. Cinco dias depois de partir o religioso chegaram a Tenochtitlán vinte espanhóis da vila de Vera Cruz trazendo junto um clérigo e dois leigos que haviam tomado em dita vila, dos quais fiquei sabendo que a armada que estava no porto era enviada por Diego Velásquez e que quem estava no seu comando era Pánfilo de Narváez. Este se nomeava capitão geral e tenente-governador de todas estas partes em nome de Velásquez e que para isto trazia autorização de vossa majestade. Quase junto com esta gente chegava com cartas do capitão um espanhol chamado Juan Velásquez de León, o qual me fez um relato da gente que chegara ao porto e me confidenciou que Diego Velásquez mandara aquela frota para me matar e tomar as terras que eu havia conquistado, tudo só porque eu enviara o relato do que aqui tenho feito direto para vossa alteza e não para Diego Velásquez. Informou-me também como o licenciado Figueroa, juiz da Ilha Espanha, havia intercedido para que Velásquez não enviasse a dita armada. Chegou a enviar o licenciado Lucas Vázquez de Ayllón à Ilha Ferdinandina. Este chegando lá encontrou a frota pronta para partir e alertou que a mesma estaria prestando um desserviço a vossa majestade. Mesmo assim Velásquez deu ordem de partida, o que fez com que o licenciado Ayllón resolvesse acompanhar a frota, estando, portando, no mesmo porto em que os navios estão atracados, buscando evitar que Narváez cometa algum dano. Mandei então um outro clérigo com mensagem a Narváez, dizendo que folgava muito em saber que era ele, meu amigo, que era o capitão da armada que chegava, mas que estranhava que, sendo sabedor que eu estava naquelas terras em nome de vossa alteza, não havia me mandado qualquer mensagem. Comuniquei também que subera que ele havia se intitulado capitão-geral e tenente-governador por Diego Velásquez, tendo nomeado alcaides e executores de justiça, o que era contra as leis e se constituía num desserviço a vossa majestade, posto que eu já estava aqui executando tudo isto em nome de vossa alteza. Agora,

caso tivesse determinações expressas de vossa majestade, que as apresentasse para mim que seriam obedecidas. Enviei também uma carta para o licenciado Ayllón, o qual, fiquei sabendo depois, fora preso por Narváez e enviado para os navios.

No dia em que o clérigo partiu, chegou um mensageiro da vila de Vera Cruz dizendo que os nativos daquela vila e de Cempoal não estavam dispostos a lutar contra Narváez, porque este havia dito que eu era mau e vinha me prender e porque ele trazia muita gente e muitas armas e eu tinha pouca gente e poucas armas. Assim deixavam para que *viva quem vencer*. E como sabiam que Narváez ia se hospedar em Cempoal, os nativos da vila decidiram abandoná-la, retirando-se para as montanhas. Percebendo o grande dano que se avizinhava, resolvi ir pessoalmente conversar com Narváez. Parti naquele mesmo dia, deixando a fortaleza bem abastecida de milho e água e com quinhentos homens dentro dela e alguns tiros de pólvora. Com setenta homens segui meu caminho, levando alguns senhores principais de Montezuma. Antes de partir fiz muitas observações a Montezuma, alertando-o que agora era vassalo de vossa alteza, de quem deveria receber muitas graças pelos serviços que havia prestado. E pedi-lhe que cuidasse de toda jóia e ouro que me havia dado para ser enviado a vossa alteza. Ele prometeu cuidar de tudo e enviar gente para lutar a meu lado se aqueles espanhóis com quem eu ia falar fossem gente má. No caminho encontrei o religioso que havia enviado ao porto para saber que gente estava lá. Ele me trazia uma carta de Narváez em que dizia que recebera poderes de Diego Velásquez para tomar estas terras. E disse-me como haviam feito alarde da artilharia que trouxeram, mostrando a ele e aos nativos como poderiam dominar quem quisessem, já tendo inclusive conquistado um senhor vassalo de Montezuma, a quem tinham por governador dos portos ao longo de toda a costa. Este já havia dado jóias e ouro a Narváez. Soube também que Narváez havia enviado mensageiros a Montezuma, dizen-

do-lhe que iria soltá-lo e prender a mim e aos de minha companhia, devendo em seguida ir-se daqui. Sentindo o desserviço que ele prestava contra vossa majestade resolvi seguir meu caminho e tentar demovê-lo de suas intenções. Quinze léguas antes de chegar à cidade de Cempopal, onde Narváez estava alojado, chegaram a mim dois clérigos deles, para um dos quais eu havia enviado a mesma carta que mandara ao licenciado Ayllón, e mais um tal de Andrés de Duero, vizinho da Ilha Fermantina. Disseram-me de parte de Narváez que eu deveria obedecê-lo, pois de outra maneira me faria grandes danos, visto que tinha grande poder em armas e gente e que a maioria dos nativos da terra estava a seu favor. E que se eu quisesse deixar aquela terra me daria navios e tudo o necessário para os que me acompanhassem. Eu respondi que não via documento de vossa majestade determinando que eu deveria entregar as terras e que se alguém o trazia que apresentasse a mim e ao cabildo de Vera Cruz, segundo ordem e costume de Espanha. Se me apresentassem o documento eu o acataria imediatamente, mas se não o fizesse eu e os que estavam comigo estávamos dispostos a morrer em defesa destas terras, pois as havíamos conquistado e pacificado para vossa majestade e não poderíamos ser traidores e desleais para com nosso rei. Usaram ainda outros argumentos mas não conseguiram me demover. Por fim, acertamos um encontro de Narváez, com dez homens, e eu com outros dez, para que ele me apresentasse a procuração que trazia, se é que trazia, e para que eu lhe respondesse. Todavia, antes que se procedesse o encontro descobri que ele pretendia se valer do mesmo para me matar, pois sentia que uma vez que eu estivesse morto todos iriam obedecê-lo. Mandei então uma carta a Narváez e outra ao religioso, dizendo que sabia de suas intenções e que não me encontraria com ele da forma como ficara acertado. E pedi a todas as pessoas que estavam com Narváez para que não o obedecessem e que deveriam comparecer ante mim para que eu lhes dissesse o que deveriam fazer em nome

de vossa alteza, caso contrário estariam desobedecendo e traindo a seu rei e senhor. E que se não fizessem isto eu iria prendê-los e castigá-los. A resposta de Narváez foi prender o escrivão e as demais pessoas que eu enviei, até que chegassem outros emissários que mandei para indagar dos primeiros. Voltou a fazer alarde de suas armas para estes, ameaçando matar toda minha gente se não entregássemos as terras. Visto que por nenhuma maneira eu conseguia evitar tão grande dano, encomendei-me a Deus e decidi correr o risco de morrer a serviço de meu rei, para defender e amparar suas terras e minha companhia. Assim, dei ordens a Gonzalo de Sandoval, aguazil maior, para prender Narváez e aos que se intitulavam alcaides e regedores. Dei-lhe oitenta homens e segui atrás com cento e cinqüenta — pois ao todo éramos duzentos e cinqüenta sem tiro de pólvora nem cavalo, para ajudá-lo no caso de Narváez e os outros resistirem à prisão.

No dia em que o aguazil maior e eu chegamos às cercanias da cidade de Cempopal, Narváez saiu a campo com quinhentos peões e oitenta a cavalo, deixando seu acampamento que era na mesquita maior da cidade, onde montara uma fortaleza. Chegou até uma légua perto de nós mas não nos encontrou. E como as informações que tinha sobre nossa ida eram dadas por índios, achou que estivessem sendo enganados e retornou. Como eu queria evitar maiores estragos, pareceu-me que o mais prático seria sair à noite, ir até os aposentos de Narváez e prendê-lo, pois com ele detido não haveria maiores problemas, visto que os demais queriam obedecer à justiça. Foi assim que no dia da Páscoa do Espírito Santo, à meia-noite, cheguei ao seu aposento, prendi um vigia mas o outro me escapou. Tratei de agir o mais rápido possível para chegar até Narváez antes do vigia que escapara, mas não foi possível. Quando cheguei, Narváez e os da sua companhia já estavam armados e com os cavalos encilhados. Para cada duzentos homens havia quatro vigias. Chegamos tão sem ruído que quando fomos percebidos eu já entrava pelo pátio do aposento e já tinha-

mos tomado três ou quatro torres da mesquita. Em uma delas Narváez estava abrigado e nos esperava com cinquenta homens. Depois de muita luta o aguazil maior conseguiu prender Narváez, enquanto eu ficava defendendo a entrada das torres. Assim, com a morte de apenas dois homens, em cerca de uma hora eram presos todos os homens que deviam ser detidos. Todos os principais assessores de Narváez prometeram ser obedientes à justiça de vossa majestade, dizendo que até ali haviam sido enganados; pois lhes disseram que tinham mandado de vossa alteza e que eu era traidor e havia me alçado junto com os nativos. E como finalmente conheceram a verdade e as más intenções de Diego Velásquez e de Narváez, todos ficaram muito contentes, pois assim Deus havia determinado. Certifico a vossa alteza que se Deus, misericordiosamente, não nos tivesse dado a vitória, teríamos presenciado o maior confronto entre espanhóis e o maior dano que se poderia causar ao vosso reino, pois em vinte anos não teriam dominado esta terra que já estava conquistada e pacificada.

Dois dias depois da prisão de Narváez enviei dois capitães com duzentos homens cada um, para estabelecer o povoado no porto de Cucicacalco, que já me referi a vossa alteza, e outro para aquele rio que teria sido visto pelos navios de Francisco de Garay. Mandei ainda outros duzentos à vila de Vera Cruz para deter os navios de Narváez, enquanto que eu me detive em Cempoal para atender aos serviços de vossa majestade. Despachei ainda um mensageiro a Tenochtitlán para contar o que me havia sucedido. Ele voltou ao final de doze dias me trazendo uma carta do alcaide que ali havia deixado, contando que os índios haviam atacado a fortaleza, colocando fogo e fazendo armadilhas e que se viram em grande perigo e teriam sido mortos se Montezuma não mandasse parar o combate. Tinham ficado sem nenhuma provisão e sem os quatro bergantins, estando passando muita necessidade (31). Em vista da necessidade dos espanhóis, que se eu não socorresse morreriam e com isto perderíamos todas as jóias, todo o ouro

e toda a prata que havíamos conquistado, bem como aquela cidade maravilhosa, que era a maior e mais nobre que havíamos tomado, decidi mandar mensageiros a chamar os capitães que eu havia enviado para outros lugares. Pedi que todos se juntassem a mim na província de Tascaltecal. Ali conseguimos reunir quinhentos homens e setenta cavalos e com eles partimos com toda pressa para Tenochtitlán. No caminho, nenhuma pessoa de Montezuma veio me encontrar como acontecia antes, e toda a terra estava alvoroçada e quase despovoada, o que me provocou más suspeitas. Segui com todo o cuidado, temendo que os espanhóis tivessem sido mortos e que nos preparavam uma cilada. Cheguei até a cidade de Tescanan que, como já relatei a vossa alteza, fica na beira daquela grande lagoa. Ali perguntei a alguns nativos sobre os espanhóis que haviam ficado na grande cidade e estes me responderam que estavam vivos.

Quando eu me preparava para mandar emissários até Tenochtitlán, chegou pelo mar uma canoa com um espanhol vindo de lá, o qual contou que estavam vivos, com exceção de uns cinco ou seis que os nativos haviam matado, mas que eles estavam cercados na fortaleza, carecendo dos mantimentos essenciais, que os nativos só concordaram em entregar mediante um alto resgate. E que Montezuma dizia que esperava apenas pelo meu retorno para que todos pudessem voltar a andar pela cidade como antes. Junto com o espanhol veio também um emissário de Montezuma, o qual mandava me dizer que acreditava que eu já soubesse o que havia acontecido na grande cidade e, portanto, deveria estar revoltado e com intenção de represália, mas que ele pedia a mim que aplacasse a ira, porque tudo o que ocorreria fora sem seu consentimento e que ele sentia muito por tudo isto. Pedia que eu fosse me hospedar na cidade e que ali só se faria o que eu mandasse. Eu mandei dizer-lhe que não trazia raiva nenhuma contra ele, porque conhecia sua boa vontade e que assim como ele dizia eu iria fazer.

No dia seguinte, que era véspera de São João Batista, parti e dormi no caminho a três léguas da grande cidade. Segui caminho no outro dia, depois de ouvida a missa, e ao meio-dia entrei na cidade, tendo visto pouca gente nas ruas, o que me deixou preocupado. Dirigi-me logo para a fortaleza e os que ali estavam nos receberam com enorme alegria, como se estivéssemos lhes devolvendo a vida. Ali permanecemos aquele dia e noite, acreditando que estava tudo tranqüilo. No outro dia, depois da missa, mandei um emissário a Vera Cruz para dar as boas novas de que os cristãos estavam vivos, que eu estava na cidade e que esta estava segura. Este mensageiro, no entanto, voltou meia hora depois, todo ferido e esfarrapado, dizendo que os índios estavam em guerra e que haviam erguido todas as pontes. Logo atrás dele vinha uma multidão de nativos, que cobriu todas as ruas e terraços de casas. Era tamanha a gritaria que faziam que quase nos ensurdeciam e logo passaram a nos arremessar uma chuva de flechas e pedras que inundou o pátio da fortaleza. Eu saí da fortaleza, tendo mandado para um outro lado um capitão com duzentos homens. Este, no entanto, teve que se recolher logo, pois mataram quatro de seus homens e feriram muitos deles, inclusive ele próprio. Eu e meus homens também sofremos muitos ferimentos e conseguimos matar muito poucos índios, pois estes se protegiam nos terraços e dali nos lançavam as flechas e pedras. Na fortaleza ofereceram tão intenso combate e colocaram fogo em diversas partes que por pouco não foi toda consumida. Não fosse a guarda de escopeteiros, balisteiros e outros tiros de pólvora não teríamos conseguido resistir. Assim permanecemos lutando até a noite e mesmo quando esta já se fazia alta ainda se ouvia os gritos de alguns índios que tentavam voltar a atacar. Aproveitei a noite para reparar os estragos da fortaleza, principalmente os causados pelo fogo, e para tratar dos feridos, que eram mais de oitenta.

Logo que clareou o dia os inimigos começaram a nos combater novamente, com tanta intensidade que, embora cada tiro dos nossos

derrubasse doze ou quinze deles não se percebia diferença, pois logo aquele espaço era ocupado por outros tantos. Eu deixei a fortaleza e saí às ruas, conseguindo tomar-lhes algumas pontes e algumas casas, matando muita gente nestas. Mas eram tantos que por mais que matássemos pouca diferença fazia. Também feriram neste dia cinqüenta ou sessenta espanhóis, embora não tenha morrido nenhum dos nossos. Vendo o grande dano que o inimigo nos causava e vendo também que embora matássemos um bom número deles não fazia diferença, passamos aquela noite e o outro dia preparando três engenhos de madeira. Consistiam em grandes coberturas de madeira, onde iam dentro até vinte escopeteiros e balisteiros, os quais ficavam a salvo das pedras e flechas. Enquanto esta artilharia ia afastando e matando os índios, outros dos nossos homens iam avançando com machados e picaretas e destruindo as casas e barricadas que eles haviam montado nas ruas. Mas à medida que os nossos saíam da fortaleza os índios tentavam nela entrar, e tivemos muita dificuldade em protegê-la. Montezuma, que ainda estava preso com um filho seu e alguns senhores, pediu-me para deixá-lo subir até o terraço da fortaleza de onde falaria aos capitães daquela gente, pedindo-lhes que parassem a guerra. Eu concordei, mas bastou ele começar a falar para ser atingido por uma pedra, que provocou sua morte três dias depois. Estando ele morto mandei levá-lo à sua gente e não sei o que fizeram com ele, salvo que a guerra não cessou, pelo contrário, continuou ainda mais intensa (32).

Neste dia, pediram-me que fosse conversar com certos capitães.

Assim o fiz e trocamos muitas opiniões. Roguei-lhes que não lutassem comigo e que olhassem as obras que de mim haviam recebido e vissem como eu sempre os tinha tratado bem. A resposta deles era que eu fosse embora e deixasse a sua terra, que logo pararia a guerra. De outra maneira, continuariam lutando até terminar conosco ou morrer todos eles. A mim pareceu que insistiam nisso para que eu deixasse a fortaleza com todos meus homens e eles nos matassem a

todos. Respondi-lhes que não lhes rogava a paz por temor, mas por pena do dano que eu lhes causava e por me ver obrigado a destruir aquela cidade tão boa e bonita. Todavia me respondiam que não cessariam de me guerrear enquanto não salsse da cidade.

Utilizando aqueles engenhos, saí no outro dia para lhes tomar alguns terraços e pontes, levando junto três mil índios de Tascaltecal. Chegando a uma ponte, colocamos o engenho sobre uma sacada próxima, mas tantas eram as pedras que nos arremessavam que desconsertaram o engenho e mataram um espanhol e feriram muitos outros, sem que perdessem nenhum passo. Lutamos desde a manhã até o meio-dia e tivemos que nos recolher à fortaleza. Isto lhes deu tanto ânimo que chegaram quase até a nossa porta. Tomaram uma mesquita grande que ficava próxima e levaram para lá grande quantidade de alimentos e água, tendo colocado até quinhentos índios nas torres, com muitas lanças com ponta de ferro semelhantes às que usávamos, porém, menos agudas na ponta. Dali conseguiram fazer muito dano à gente da fortaleza, pois estavam muito perto dela. Um grupo de espanhóis tentou tomar a torre da mesquita onde os índios se estabeleceram, mas estes eram tantos e lutavam com tanta bravura que à medida que os nossos tentavam subir a escada iam sendo jogados para baixo. Esta ação deu muito ânimo para os demais índios, o que nos fazia sentir que se não tomássemos aquela torre eles iriam tomar nossa fortaleza. Mesmo estando ferido na mão esquerda, decidi reunir um grupo para atacar a torre da mesquita. Nossa primeira ação foi cercar a base da torre, onde, apesar de manter isolados os que estavam dentro, éramos atacados por todos os lados. Comecei a subir a escada sendo seguido pelos espanhóis. Eles conseguiram abater três ou quatro dos nossos, mas com a ajuda de Deus e de sua gloriosa mãe, cuja imagem havíamos colocado naquela torre, conseguimos subir até o primeiro dos vários terraços que possuía a torre ao longo de sua altura. Lutamos ali mais de três horas, até que conseguimos derrubar

os índios, que eram mortos pelos espanhóis que estavam na base. Mandeí colocar fogo naquela torre e nas demais da mesquita, de onde já havíamos retirado as imagens que havíamos posto.

Perderam muito de seu orgulho ao tomarmos a fortaleza. Aproveitei para subir ao terraço e falar aos capitães, com quem antes conversara, e que já estavam muito desanimados. Disse para eles que olhassem como não podiam acabar conosco, pois continuávamos a lhes fazer grandes danos e todos os dias morriam muitos deles. E que continuaríamos a queimar e destruir suas casas e cidades até que não sobrasse coisa alguma. Eles me responderam que percebiam o grande dano que sofriam e que morriam muitos dos seus, porém, permaneciam determinados a lutar até acabar conosco ou morrer todos. E que eu olhasse por aquelas ruas, praças e terraços e verificasse quão cheias estavam e que eles já haviam feito a conta, que podiam morrer vinte e cinco mil deles para um dos nossos que assim mesmo acabariam conosco, pois éramos poucos e eles muitos. Fizeram-me saber mais, que haviam destruído todas as passagens de saída da cidade, exceto uma. Que não poderíamos sair a não ser por água e que sabiam que tinhamos poucos mantimentos e pouca água doce, o que faria com que, mesmo que não nos matassem, viéssemos a morrer de fome e sede. Na verdade, eles tinham razão, pois mesmo que não tivéssemos mais guerra bastaria a fome e a sede para morremos em breve tempo. Passamos muito tempo argumentando uns para os outros sem que chegassemos a um acordo. Quando chegou a noite, saí com alguns espanhóis e, tomando-os descuidados, conquistei-lhes uma rua, onde queimamos mais de trezentas casas e alguns terraços que estavam situados próximos à fortaleza e de onde nos causavam danos. Com a ação desta noite conseguimos causar-lhes grande temor. Aproveitei a mesma noite para mandar consertar os engenhos que eles haviam danificado.

Para seguir a vitória que Deus nos dava, saí ao amanhecer por aquela rua que conquistáramos, que era a única em que estava intata a

calçada que levava à terra firme, embora para chegar até lá houvesse oito pontes muito grandes e muitas torres e terraços ao longo do caminho. Com muita determinação, ânimo e ajuda de Nosso Senhor, ganhámos aquele dia quatro das pontes e collocámos fogo em todas as torres e terraços ao longo do caminho. Isto apesar de, na noite anterior, elles terem feito junto às pontes barricadas de tijolo e barro, de modo a se protegerem de nossos tiros de balista. Tomei todas as precauções na noite seguinte de collocar guardas protegendo aquellas pontes conquistadas. No outro dia tornei a sair e Deus mais uma vez nos deu boa sorte e vitória, tendo conquistado todas as outras pontes que faltavam. Estando eu preparando aquellas pontes para serem destruídas, chegaram alguns dos nossos a cavallo informando que os que estavam na fortaleza estavam sendo combatidos, mas que os capitães dos índios pediam paz e me esperavam para conversar. Deixando ali toda a gente, segui com apenas mais dois a cavallo para ver o que aquella gente queria. Eles me disseram que se eu lhes assegurasse que não seriam punidos, que mandariam levantar o cerco, reconstruir as pontes destruídas e voltariam a servir a vossa majestade como faziam antes. Pediram-me que fizesse chegar até ali um religioso seu que eu prendera e que era como um general daquela região. Este veio e conseguiu a mediação entre elles e eu. E logo, assim pareceu, enviou mensageiros aos capitães de outras estâncias pedindo que cessassem a guerra. Com isto nos despedimos e eu fui para a fortaleza comer. Mal havia começado a refeição e chegaram espanhóis a muita pressa dizendo que os índios haviam tornado a ganhar as pontes, matando alguns dos nossos. Só Deus sabe com quanta revolta recebi a notícia. Cavalguei com a maior pressa que pude, com outros a cavallo me seguindo, e sem deter-me em nada irrompi entre os índios e tornei a conquistar-lhes as pontes, indo ao encalço deles até terra firme. Como os peões estavam cansados, feridos e atemorizados, nenhum me seguiu. Em vista disto, quando quis voltar depois de passar as pontes, encontrei todas cheias

de índios. Da mesma forma estavam repletas as ruas e a água, onde ficavam nas canoas. Todos passaram a apedrejar a mim e aos poucos que me acompanharam a cavallo desde a fortaleza e só Deus misericordioso pôde me salvar, mas quando cheguei à cidade encontrei caídos todos os que iam a cavallo comigo. De modo que não pude passar e tive que ir só contra todos meus inimigos. Todavia, consegui abrir uma brecha e passar, embora tivesse que dar um grande salto com o cavallo.

Assim, terminaram aquella noite com vitória, tendo reconquistado aquellas quatro pontes, embora eu mantivesse o controle sobre outras quatro. Mas vendo o perigo que corríamos e a possibilidade de os índios destruírem a única passagem que ainda restava para terra firme, e ainda pelo fato dos nossos estarem já muito esgotados pelos combates, mandei construir uma ponte de madeira que deveria ser carregada por quarenta homens. Reuni todo o ouro e jóias destinados a vossa majestade em uma sala e os entreguei aos cuidados dos officiais de vossa alteza. E em seu real nome, roguei a todos os alcaides e regentes que ali estavam que me ajudassem a salvar este tesouro. Destaquei alguns criados meus para ajudarem a carregar o ouro e jóias. Assim, deixamos desamparada a fortaleza com muitas riquezas, tanto vossa como dos nossos espanhóis e minha. Saí o mais secretamente que pude, levando comigo um filho e duas filhas de Montezuma, além de Cacamachin, senhor de Aculhuacan, um outro seu irmão que eu havia posto em seu lugar, bem como outros senhores de províncias e cidades que eu mantinha presos. Ao chegar à primeira das pontes que os índios haviam destruído, collocamos a que haviamos feito e passamos sem dificuldades. Mas na segunda já encontramos uma multidão pela frente e tivemos que lutar. Para não perdermos tempo, eu passava pela água, a nado, juntamente com a maior parte dos meus, enquanto que os cavalos e cargas iam pela ponte. Apesar dos combates, conseguimos chegar à terra firme. Voltei então

à retaguarda e vi que ali ainda se travava grande combate e que os espanhóis e os índios de Tascaltecal que nos acompanhavam estavam levando a pior. Havíamos perdido todo o ouro, jóias, roupas, a artilharia e muitas outras coisas que trazíamos. Mandeí recolher os feridos e com três ou quatro a cavalo e vinte peões que ousaram ficar comigo, safi ao encalço dos índios, até chegar à cidade de Tacuba. Em umas lavours nos arredores dessa cidade fiquei esperando pelos nossos, que tiveram que continuar lutando até chegar ali, ficando pelo caminho o restante do ouro que trazíamos. Dali resolvemos tomar um caminho onde existia uma torre e um local próprio para acampar com segurança. Mas só Deus sabe o sofrimento que foi para cumprir esta tarefa, porque não havia cavalo, dos vinte e quatro que nos restavam, que pudesse correr, nem cavaleiro que pudesse levantar o braço, nem peões que pudesse manear. Mesmo assim chegamos ao topo do morro, nos estabelecemos, mas os índios nos cercaram e não nos deixaram descansar uma hora sequer até a noite. Depois de cessados os combates resolvemos fazer o levantamento de nossas perdas e contamos que morreram cento e cinqüenta espanhóis, quarenta e cinco cavalos e mais de dois mil índios que serviam aos espanhóis, entre eles o filho e as filhas de Montezuma e os demais senhores que trazíamos junto. Naquela mesma noite, à meia-noite, saímos do acampamento silenciosamente, para não sermos percebidos, deixando algumas fogueiras acesas. Todavia, não sabíamos para onde íamos, a não ser pelas indicações de um índio de Tascaltecal, que prometeu nos guiar até suas terras se não nos impedissem o caminho. Os índios, porém, haviam colocado guardas para nos vigiar e estes perceberam que saímos. Nos seguiram até a alva, quando cinco dos nossos que iam a cavalo pela frente deram com um batalhão de índios que os atacou. Como vi que por todas as partes apareciam índios, resolvi distribuir nossa gente em quatro batalhões, um na frente, um atrás e um em cada lado, ficando os feridos no meio. Lutamos o dia todo e

quis Nosso Senhor que a noite caísse e os combates cessassem e nós avistássemos um outro morro com uma torre e um lugar ótimo para acampar.

Parti no outro dia, uma hora depois de clarear, levando a dianteira e a retaguarda bem protegidas. Os índios nos seguiam e nos atacavam. Mas a cada arremetida que fazíamos com os cavalos eles se afastavam. Seguimos aquele dia algumas léguas até encontrar um povoado, cujos habitantes haviam se afastado. Ali pudemos descansar, comer algum milho e levar um pouco cozido ou tostado para comer no caminho. No outro dia seguimos o caminho ditado pelo índio de Tascaltecal, mas sempre acompanhados pelos nativos, que com freqüência nos davam combate. Assim seguimos mais alguns dias e noites, até que nos mataram outro cavalo, o que foi muito sentido pois, depois de Deus, era a maior segurança que tínhamos. Todavia, pudemos aproveitar sua carne para saciar nossa fome e não deixamos para trás nem o couro. Vendo que a cada dia aparecia mais gente para nos atacar e nós sofriamos mais perdas, determinei a feitura de mulattas para os feridos andarem, deixando livres os cavalos e homens que os conduziam em macas, para que pudessem também lutar. E parece que o Espírito Santo me dera um aviso com a idéia que tive, pois no outro dia foram tantos os índios que nos cercaram por todos os lados, como nunca tínhamos visto antes. Mas quis Nosso Senhor mostrar seu grande poder e misericórdia para conosco, pois com toda sua grandeza conseguimos reunir forças e quebrar sua resistência, embora eles fossem tantos que chegavam a bater uns nos outros, a ponto de se estorvarem mutuamente. E assim fomos batalhando e quis Deus que morresse uma pessoa deles que devia ser a principal, pois logo cessaram os combates.

Assim seguimos mais descansados até uma pequena casa onde nos estabelecemos, junto a uma colina. Dali divisamos algumas serras da província de Tascaltecal, o que causou enorme alegria em nos-

sos corações, pois já conhecíamos aquela terra e sabíamos por onde deveríamos sair. Permanecia, contudo, o temor de que os nativos daquelas terras, nos vendo tão debilitados, quisessem nos matar e adquirir a liberdade que antes tinham. No clarear do dia seguinte seguimos nosso caminho, e agora já éramos seguidos por muitos poucos dos nossos inimigos, embora houvesse inúmeras povoações deles pelas proximidades. E assim neste dia, que era um domingo, 8 de julho, saímos das terras de Culúa e chegamos à província de Tascaltecal num povoado desta chamado Gualipán, de três ou quatro mil índios, onde fomos muito bem recebidos. Ali conseguimos descansar e matar a fome, embora tudo que adquiríamos descançar e matar. Permaneci três dias neste povoado e ali vieram me ver Matucingco, os quais mostraram muita pena pelo que nos havia acontecido, e trataram de me consolar dizendo que muitas vezes haviam alertado que os de Culúa eram traidores, mas que eu deveria me alegrar por estar vivo (33). E disseram que me ajudariam até morrer para me recuperar do dano sofrido, porque, além de obrigar aqueles a serem vassallos de vossa alteza, lhes doía muito o grande número de seus irmãos que morreram lutando em minha companhia, bem como pesavam as injúrias de tempos passados que haviam recebido daquela gente. Disseram ainda que, como vínhamos com muitos feridos e todos muito cansados de guerra, que fôssemos até uma cidade que dista quatro léguas que ali poderíamos descansar e nos recuperar em boas condições. Eu aceitei o convite e lhes presenteiei com algumas jóias que haviam escapado às perdas que sofremos, com o que ficaram muito contentes. Fomos para a cidade e recebemos cama, roupa e comida farta. Quando havíamos passado anteriormente por esta cidade, rumo a Tenochtitlán, eu havia deixado ali alguns criados e alguns enfermos, com roupas minhas, prata e sete mil pesos em ouro fundido. Soube que depois disto vieram outros criados meus de Vera Cruz

e haviam levado estes para lá, porém, no caminho, foram atacados e mortos pelos índios de Culúa. Soube também que morreram muitos espanhóis que se dirigiam para Tenochtitlán achando que eu estava pacificamente na cidade. Fiquei vinte dias nesta província de Tascaltecal tratando dos enfermos, mesmo assim alguns morreram, outros resultaram mancos e eu mesmo fiquei manco dos dedos da mão esquerda.

Apesar de todo o desgaste da guerra eu não queria demonstrar fraqueza aos de Tascaltecal, que poderiam se confederar com os inimigos para nos liquidar. Procurando mostrar força e confiando na grandíssima bondade e misericórdia de Deus, que não permitiria que perdêssemos tão maravilhosa terra que havíamos conquistado para vossa majestade, resolvemos voltar a atacar os de Culúa numa província próxima chamada Tepeaca (34). E assim lutamos e derrotamos os inimigos dessa província, fazendo com que os principais senhores dela viessem se oferecer como vassallos de vossa alteza, deixando em nós a convicção de que, com a ajuda de Nosso Senhor, as demais províncias em breve estarão submetidas ao real domínio de vossa majestade. Fiz muitos escravos nestas províncias — dos quais dei o quinto para os oficiais de vossa majestade — para provocar medo nos de Culúa e porque há gente que se não provocarmos grande e cruel castigo não se emenda jamais. Para manter a segurança, fiz estabelecer nessa província um povoado ao qual dei o nome de Vila Segura da Fronteira, nomeei alcaides, regedores e outros oficiais e providenciei a vinda de material para fazer uma fortaleza.

Estando escrevendo este relato, chegaram a mim certos mensageiros do senhor de uma cidade situada a cinco léguas desta província e que se chama Guacachula e que é a entrada de uma passagem para entrar na província do México. Disseram-me que vinham comunicar a obediência de seu senhor a vossa majestade, me fazendo saber também que nas suas terras estavam estabelecidos alguns capitães de Cu-

lúa. E que a uma légua dali estavam trinta mil homens em guarnição, prontos para evitar a minha passagem por ali e para impedir que os nativos da cidade prestassem serviços a vossa alteza. Vinham, portanto, me alertar e pedir minha ajuda para se livrarem daquela gente que lhes maltratava e roubava suas mulheres e suas fazendas. Depois de agradecer seu aviso e oferecimento, dei-lhes treze homens a cavalo, chegariam à cidade e prenderiam os capitães antes que a gente desses pudesse se aperceber. No caminho, os espanhóis passaram pela cidade de Churultecal e por uma parte da província de Guasucingo que divisa com as terras de Guacachula, estando a quatro léguas da cidade. Em algum povoado da província de Guasucingo os espanhóis ficaram sabendo que os nativos desta província estavam confederados com os de Guacachula e com os de Culúa, tendo planejado arrastar os espanhóis até suas terras para os matar. Como ainda não havia passado o pavor que os de Culúa impuseram aos espanhóis, esta informação causou grande pavor, fazendo com que logo prendessem aqueles senhores de Guasucingo que iam com eles, bem como os mensageiros de Guacachula. Voltaram até a cidade de Churultecal e dali enviaram todos os presos, juntamente com os que iam a cavalo e os peões. Escreveu-me ainda o capitão que os nossos estavam muito temerosos, que aquela jornada lhes parecia muito dificultosa.

Chegados os presos, falei-lhes através dos intérpretes que tinha e me pareceu que o capitão não os havia entendido bem. Mandei soltá-los e os satisfiz dizendo-lhes acreditar que eram leais vassallos de vossa alteza e que eu queria ir em passos desbaratar aqueles de Culúa. E para demonstrar força, tanto aos meus amigos como aos meus inimigos, parti naquele momento e naquele mesmo dia cheguei à cidade de Churultecal, que está a oito léguas de distância. No dia seguinte fui dormir na cidade de Guasucingo e depois de ter acertado com os mensageiros de Guacachula como deveríamos entrar na cidade, parti para

ela uma hora antes do amanhecer. Cheguei lá quase às dez da manhã. Meia légua antes da chegada vieram certos mensageiros da cidade e me disseram como estava tudo bem preparado, sendo que os de Culúa não sabiam nada de nossa vinda, pois tiveram o cuidado de prender os espiões que aqueles haviam deixado para detectar qualquer presença de espanhol. Procurei então apressar, pois íamos por um plano e poderíamos ser vistos. Quando estava a tiro de balista da cidade já vieram me trazer cerca de quarenta capitães de Culúa que haviam prendido. Mas por toda a cidade ainda continuavam lutando e caçando os capitães de Culúa, não tendo sobrado quase nenhum vivo para que me informasse quem havia assumido o comando depois da morte de Montezuma. Alguns, no entanto, conseguiram fugir e avisar os trinta mil que estavam em guarnição nas cercanias da cidade, os quais logo vieram para lutar, começando por incendiar a cidade pela parte por onde entravam. Era a gente mais bem vestida que havia por aqui, pois traziam muitas plumagens e jóias de ouro e prata. Saí contra eles apenas com os cavalos, já que os peões estavam muito cansados e os fizemos recuar, encurralados contra uma serra. Logo em seguida vieram em nosso auxílio os índios da cidade que estavam descansados, com o que conseguimos provocar enormes danos no inimigo. Voltamos à cidade e fomos muito bem recebidos, tendo passado três dias ali.

Neste meio tempo vieram se oferecer ao real serviço de vossa majestade os nativos de uma população situada duas léguas acima da serra onde combatemos nossos inimigos. Disseram que o seu senhor havia se ido com os de Culúa, temendo que não parássemos até invadir seu povoado, que se chama Ocupatuyo. Disseram que há muito que queriam vir se oferecer como vassallos de vossa majestade, mas que aquele senhor não os deixava. Todavia, agora haviam colocado no comando um irmão daquele senhor que concordava com a sua proposição. Como tal, me rogavam que, mesmo que o outro voltasse, não o aceitasse como senhor daquele povoado. Eu lhes disse que,

como sempre estavam aliados aos de Culúa, eu pensava eliminar suas majestade eu lhes perdoava, mas, diante desta mudança, em nome de vossa majestade eu lhes perdoava o erro passado e os admitia ao real serviço do soberano de Espanha.

Depois de ter repousado três dias nesta cidade, fomos para outra chamada Izzucan e distante quatro léguas, porque fui informado ali havia muita gente de Culúa em guarnição e que o senhor da cidade parente de Montezuma. Seguiu tanta gente dos nativos em minha companhia, todos que haviam se tornado súditos de vossa alteza, que se cobriam os campos e serras por onde nos alcançava a vista. Na verdade, eram mais de cento e vinte mil homens. Quando chegamos encontramos a cidade despovoadada de mulheres e crianças, havendo defendê-la uns cinco ou seis mil homens. Quando chegamos, chados. Porém em pouco tempo os desbaratamos e entramos na cidade. Mandeí dois nativos falar com os senhores principais, porque o senhor principal dela havia se ido com os de Culúa. Prometi-lhes que se se tornassem vassalos de vossa majestade seriam muito bem tratados. Três dias depois vieram algumas pessoas principais e pediram perdão, dizendo que haviam feito o que o seu senhor lhes determinara, mas que dali em diante passavam a servir a vossa majestade lealmente. Pedi-lhes então que fizessem voltar à cidade as mulheres e crianças, para que a vida normal se restabelecesse. E assim foi feito. Em dois dias tudo se normalizou, voltando a se povoar a cidade de Izzucan, e seus habitantes passaram a ser confederados com os de Guacachula. A cidade de Guacachula era cercada por um muro muito forte de cal e canto, sendo que por fora este muro era tão alto como quatro estados, enquanto que por dentro estava quase que ao nível do solo. Por toda sua volta havia grande quantidade de pedras, com o que lutavam. A cidade tinha quatro entradas e havia de cinco a seis mil vizinhos. Já Izzucan tinha de três a quatro mil vizinhos e mais de cem mesquitas e oratórios, todos muito fortes, com suas torres que

foram queimadas. Está situada em um plano, à beira de um morro onde há uma fortaleza muito segura, enquanto que do outro lado corre um rio muito profundo. Tem um vale fértil em frutas e algodão.

Fiquei em Izzucan até deixá-la povoada e pacificada, tento recebido ali a visita de senhores de outras cidades e províncias, que vieram se oferecer como vassalos de vossa alteza. Veio o senhor da cidade de Guasucingo, que está a dez léguas, na fronteira das terras do México. Também vieram os senhores de oito povoados da província de Coastoaca, (35) a qual está a quarenta léguas de Izzucan. Disseram que outros quatro também viriam, pois todos queriam se tornar vassalos de vossa alteza, não o fazendo antes por temor dos índios de Culúa. Desta maneira pode vossa alteza estar certa de que, sendo Nosso Senhor servido em sua real ventura, em muito breve tempo se tornará a ganhar tudo o que havíamos perdido, pois todos os dias vêm novas pessoas se oferecer como vassalos de vossa alteza.

Dos que foram presos na cidade de Guacachula consegui saber as novidades sobre a grande cidade de Tenochtitlán e como depois da morte de Montezuma se tornara senhor um seu irmão chamado Cuatravacín, e que este estava fortalecendo a cidade, construindo muitas cercas e covas com lanças pontiagudas para servirem de armadilhas para os cavalos. Também preparavam lanças para atrarem contra os cavalos. Além disto, soube depois que ele havia comunicado a todos os senhores de cidades e províncias que lhes concederia um indulto de um ano em tributos e serviços que deveriam prestar, caso se dispusessem a lutar contra os cristãos até nos matar a todos.

Tenho muita confiança em Nosso Senhor para afirmar que em nada prevalecerão suas intenções. De minha parte, estou me preparando para voltar àquela cidade de Tenochtitlán. Enviei à Ilha Española quatro navios para que logo voltem carregados de cavalos e gente para nosso socorro. Enviei outros quatro à mesma Ilha Española e cidade de Santo Domingo a comprar cavalos, armas e pólvora

ra, porque isto é o mais necessário por estas partes. Ao mesmo tempo, estou construindo doze bergantins para entrar pela lagoa e reconquistar Tenochtitlán. Certifico a vossa majestade que até conseguir, fim não terei descanso, mesmo que tenha que enfrentar o maior perigo e o mais difícil trabalho. Para isto esperamos que Nosso Senhor venha a suprir nossas forças e que chegue o socorro que peço a Espanha.

Pelo que tenho visto, existe muita similaridade entre esta terra e a Espanha, tanto em grandeza, fertilidade e frio, além de outras coisas. Por isto me pareceu conveniente dar o nome a esta terra de Nova Espanha do Mar Oceano. Assim, em nome de vossa majestade coloquei este nome e peço humildemente que o aceite. Também coloco suplicar para que dê crédito ao que relato e escrevo, pois tenho tomado ser o mais fiel possível aos acontecimentos.

Mui alto e mui excelentíssimo príncipe: que Deus Nosso Senhor conserve e aumente por longos anos a vida de vossa sacra majestade e real pessoa, com o acréscimo de muitos e maiores reinos conforme vosso sacro coração deseje.

– *Da Vila Segura da Fronteira desta Nova Espanha, a 30 de outubro de 1520* –

Do mui humilde servo e vassalo de vossa sacra majestade, que beija os mui reais pés e mãos de vossa alteza.

HERNAN CORTEZ

Depois desta carta, no primeiro mês de março que passou vieram novas notícias da dita Nova Espanha, informando como os espanhóis haviam tomado pela força a grande cidade de Tenochtitlán, numa ação em que morreram mais índios do que judeus em Jerusalém na destruição que fez Vespasiano. Encontraram poucos tesouros, pois os nativos os haviam enterrado ou escondido nas águas. Consequente-

guiram somente duzentos mil pesos. Os espanhóis, contudo, ficaram muito fortalecidos na dita cidade, onde têm presentemente mil e quinhentos peões e quinhentos a cavalo e mais de cem mil nativos da terra trabalhando em seu favor. São coisas grandes e estranhas e é outro mundo sem dúvida e só de ouvir sobre ele já nos dá cobice e conhecer-lo, pois estamos aos confins dele. Estas notícias são as mais novas e dignas de fé que temos até o principio de abril de 1522 anos.

A presente carta de relato foi impressa na mui nobre e mui leal cidade de Sevilha, por Jacobo Crombregger, aos 8 dias de novembro, ano de 1522.